

**SANTOS E MILAGRES
NA IDADE MÉDIA EM PORTUGAL**

*Textos da Antiguidade Tardia
e Alta Idade Média*



**CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA**

FCT FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Volume elaborado
no âmbito da área de investigação
*In Occidua Plaga. Cultura e
Sociedade na Latinidade Medieval*

Director da coleção: Paulo Farmhouse Alberto
Consultor científico: Arnaldo do Espírito Santo

**PERFUMES
& COMPANHIA**

**SANTOS E MILAGRES
NA IDADE MÉDIA
EM PORTUGAL**

*Textos da Antiguidade Tardia
e Alta Idade Média*



WITH A NOTE ON ST STEPHEN AND HIS CULT
WITH SPECIAL REFERENCE TO PORTUGAL AND LISBON

André Simões

Lisboa, 2015

SANTO ESTÊVÃO



INTRODUÇÃO



*Siga Estêvão todo aquele
que desejar a coroa.*

I

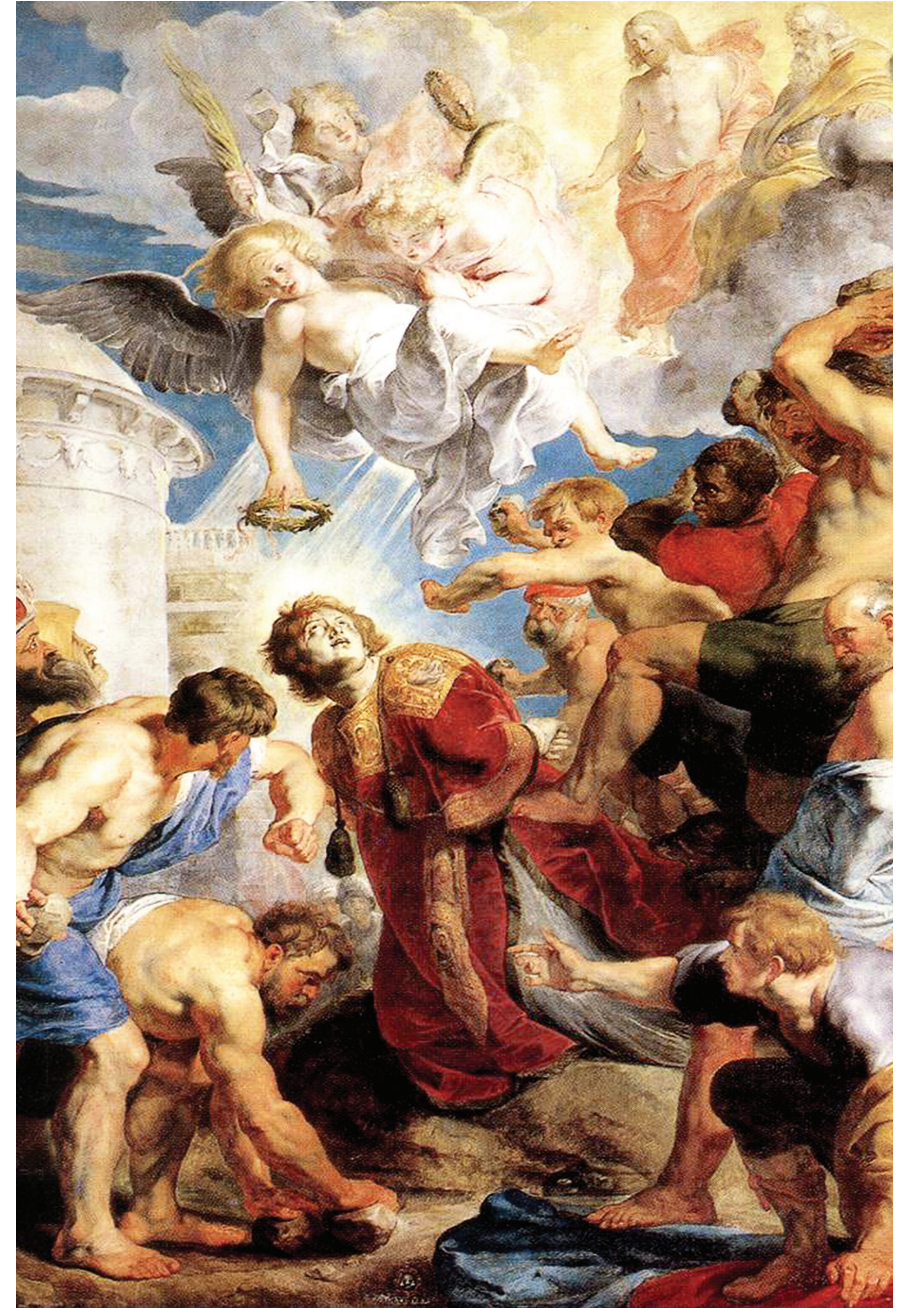
O Martírio

na tradição hagiográfica

Se é a custo que achamos as actas dos outros mártires para podermos recitá-las nos dias das suas festas, a paixão deste está num livro canónico.

(Sto. Agostinho, *Sermão* 315)

A Santo Estêvão coube a glória de ser o primeiro mártir da Igreja, e é por isso conhecido como Protomártir¹. A sua paixão está narrada nas próprias Escrituras, nos capítulos 6 e 7 do livro dos Actos dos Apóstolos, o que a torna, como sublinha Santo Agostinho no texto em epígrafe, um caso único na literatura martirológica, onde tantas vezes sobre a tradição de um mártir nem do nome se têm certezas. Provavelmente judeu helenizado, como indica o seu nome (*Stéphanos* designa em grego “coroa”), foi escolhido pelos Apóstolos para ser o primeiro de uma nova instituição, o diaconato, destinada a prestar auxílio na pregação do Evangelho e na distribuição da caridade. É já no exercício desta função que Santo Estêvão se começa a evidenciar em Jerusalém, ao efectuar inúmeros milagres e prodígios (Act. 6:8). Acusado por falsas testemunhas de blasfémia contra Moisés e também de desrespeito pelo Templo, é trazido perante o Sinédrio, onde pronuncia um longo e relevante discurso no qual revela o seu profundo conhecimento sobre a história do povo de Israel mas também a sua interpretação heterodoxa, do ponto de vista judeu, das Escrituras e da missão de Cristo. O discurso termina com uma invectiva contra os hebreus, acusados de perseguir e matar os profetas que anunciaram a vinda de Cristo (Act. 7:1-53). É então que o diácono, erguendo os olhos aos céus, vê a glória de Deus, e à Sua direita Jesus. Escandalizados quer pelo incisivo discurso, quer pela narrativa da visão, os acusadores arrastam o jovem para fora da cidade, e tomando pedras do chão começaram, tomados de furor, a lapidá-lo. Depois de pedir a Cristo que lhe receba a alma, Estêvão ajoelhou-se e pronunciou então famosas palavras que o tornam eterno exemplo de amor aos inimigos e digno émulo de Cristo: “Senhor, não



Peter Paul Rubens, *O martírio de Santo Estêvão* (1616-17).

I

lhes atribuas este pecado” (Act. 7:60). Desfeito pelas pedras inimigas, o corpo do santo foi recolhido e sepultado em lugar que as Escrituras não determinam (Act. 8:2). O martírio de Estêvão marca também o início da perseguição à Igreja de Jerusalém, encabeçada por Saulo, aos pés de quem os verdugos haviam pousado as capas para mais livremente poderem lapidar o mártir de Cristo (Act. 7:58), e nesse sentido pode ser considerado um ponto de viragem na História do Cristianismo, enquanto catalisador da conversão do perseguidor Saulo no Apóstolo Paulo (Act. 9).

II
O Culto

1. FESTA

A festa de Santo Estêvão celebra-se no Ocidente a 26 de Dezembro, no Oriente no dia seguinte. O estabelecimento desta data imediatamente após o Natal, mau grado a ausência de qualquer precisão cronológica no livro dos Actos, pode ser explicado pela associação que desde cedo foi estabelecida entre a Encarnação e o nascimento de Estêvão, primeiro dos mártires, para a vida eterna, como habilmente sublinha Santo Agostinho nas palavras que abrem o seu sermão 314:

Celebrámos ontem o Natal do Senhor, hoje celebramos o Natal do servo. Mas do Senhor celebrámos o Natal em que se dignou nascer; do servo celebramos o Natal em que foi coroado. Do Senhor celebrámos o Natal em que recebeu a veste da nossa carne; do servo celebramos o Natal em que se despojou da veste da sua carne. Do Senhor celebrámos o Natal em que se fez semelhante a nós; do servo celebramos o Natal em que se fez próximo de Cristo.

O culto era importante no Oriente mesmo antes da invenção das relíquias. Com efeito, o *Martirologio Siríaco*, de meados do século IV, assinala já o dia 26 de Dezembro para a festa do Protomártir. Por seu lado, o *Sinaxário de Constantinopla*, provavelmente também do século IV, coloca a festa no dia 27. É esta, aliás, a data ainda hoje em uso na Igreja Ortodoxa Grega. No Ocidente, contudo, o culto de Santo Estêvão parece ter ganhado relevância sobretudo após 415. Não há, com efeito, referência ao Protomártir na *Depositio Martyrum*² de meados do século IV, embora se possa neste caso contrapor que, com uma ou outra excepção

2 Trata-se de uma lista que ordena os mártires pela data do seu martírio, indicando o local da sua sepultura. Juntamente com outros documentos, como a *Depositio episcoporum*, lista similar para os bispos, configura o *Cronógrafo* de Filócalo, do ano 354



importante, se trata de uma lista de mártires romanos. É apenas a partir do século V que a festa de Santo Estêvão passa a constar a 26 de Dezembro nos principais calendários e martirologios ocidentais, como o *Calendário de Cartago* (séc. VI) ou o chamado *Martirologio Jeronimiano*, texto composto possivelmente na Burgúndia, em finais do século VI, integrando listas mais antigas. É também esta a data que se encontra registada em dois antigos calendários hispânicos da região de Sevilha, o de Carmona, gravado em duas colunas da basílica daquela cidade andaluza, e o de Itálica, ambos datáveis dos séculos VI-VII³. Paralelamente, celebrou-se a 3 de Agosto, até à reforma litúrgica de 1961, a festa da Invenção das Relíquias. A data entra, no entanto, em contradição com o relato da sua invenção, que a situa no mês de Dezembro, e talvez se possa explicar pela confusão com a festa do papa Estêvão I, martirizado a 2 de Agosto de 257.



No que diz respeito à liturgia hispânica, o sacramentário de que chegaram cópias desde o século IX contém duas missas para o dia de Santo Estêvão⁴. O sacramentário de Ripoll (XI-XII) contém um ofício para o dia da invenção das relíquias, assinalado a 3 de Agosto, glosando o tema do desprezo da vida terrena tendo em vista as recompensas celestes⁵. Também o sacramentário de Vich, de meados do século XI, apresenta uma missa para o dia da invenção⁶. O Antifonário de León, do século X, mas que remontará a um modelo do século VII, reserva um ofício

3 Vives, *Inscripciones*, n.ºs 333^a e 334. Para esta e para as referências bibliográficas seguintes, veja-se a Nota Bibliográfica no final deste volume.

4 *Liber Mozarabicus Sacramentorum*, cols. 58-60; 555-559.

5 *Sacramentarium Rivipullense*, n.º 230, pp. 162-163.

6 *Sacramentario de Vich*, n.º 535-538, p. 78.



para o dia de Santo Estêvão⁷. Já o oracional dito de Tarragona, de finais do século VII, regista 21 orações para o dia de Santo Estêvão subordinadas ao tema do amor que demonstrou pelos seus inimigos no momento do martírio⁸.

2. O CULTO

2.1. ÁFRICA

A ausência nos Actos de qualquer referência ao lugar da sepultura de Santo Estêvão poderá em parte explicar o tardio achamento da sua sepultura, ocorrido quatro séculos após o seu martírio. Foi, com efeito, no declinar do ano 415 que Luciano, padre de Cafar Gamala (a actual Beit Jimal, a cerca de 35 km de Jerusalém), recebeu em sonhos a revelação do lugar onde repousavam os restos de Santo Estêvão. A relação de tudo o que então se passou foi feita pela sua própria mão e traduzida do grego para latim por Avito de Braga, que então se achava na Terra Santa para o Concílio de Jerusalém. Uma parte das relíquias foi distribuída por Luciano e pelo bispo de Jerusalém, tendo sido a maior parte depositada na Igreja de Sião, em Jerusalém, no dia 26 de Dezembro desse ano de 415, até à construção de uma basílica consagrada em 439. A Avito coube uma parte das relíquias do mártir, que zelosamente confiou a Orósio para que as levasse para Braga. As circunstâncias de uma Hispânia em ebulição devido às invasões vândalas levaram a que Orósio não pudesse cumprir a sua missão, e as relíquias acabaram em Uzali, na actual Tunísia, e em Maó (Mahón, em castelhano), em Minorca⁹. Foi ao chegar

7 *Antifonario de León*, pp. 95-98.

8 *Oracional*, n.º 316-336, pp. 105-112.

9 A tradução portuguesa e as circunstâncias ligadas à difusão desta narrativa serão desenvolvidas mais adiante neste volume.



a esta ilha que Orósio teve conhecimento, nos inícios de 417, da violência que grassava pela Hispânia. Com efeito, após alguns anos de relativa pacificação, os Alanos e os Vândalos haviam retomado os seus ataques no sul da Hispânia¹⁰, tornando assim demasiado perigosa qualquer tentativa de prosseguir viagem até Braga. Orósio deixou então parte das relíquias na igreja local e regressou a África, tendo deixado outra parte dos restos sagrados em Uzali, de onde se espalharam pelo Norte de África. Do importante culto prestado a Santo Estêvão em Uzali e dos milagres atribuídos às suas relíquias chegou até nós o relato em latim do bispo Evódio (BHL 7860-7862). Santo Agostinho, por seu lado, conta como uma série de milagres se deu em vários lugares na região de Hipona, na actual Argélia, após o contacto com relíquias ou as *memoriae*¹¹ do mártir (*A cidade de Deus* 22.8).

2.2 HISPÂNIA

Ainda que Orósio tenha sido impedido de cumprir a sua missão, a verdade é que dois séculos mais tarde a presença na Hispânia de relíquias de Santo Estêvão está já atestada na epigrafia da actual província andaluz de Cádiz: dois cipos, um do ano 630 (Medina-Sidonia), outro provavelmente de 674 (Vejer de la Frontera), assinalam a presença de relíquias do Protomártir. De datação incerta, provavelmente dos séculos IX-X, é um elenco de relíquias depositadas num altar de Santo Estêvão, proveniente de La Morera (Badajoz). Também de datação incerta é a dedicação da igreja dos Santos Pedro e Paulo em Loja (Córdova), na qual se regista a presença de relíquias de vários mártires, entre os quais Santo Estêvão¹². Mais a

10 J. Mattoso, “As Histórias do Poder”, in *História de Portugal*, vol. 1, Lisboa, 1997, pp. 277-278.

11 Uma *memoria* era um monumento funerário ou um altar contendo as relíquias de um santo.

12 Vives, *Inscripciones*, n.º 304, 310, 316b, 328.



norte, no mosteiro de San Miguel de la Escalada (León), uma lápide datável dos séculos IX-X assinala a presença de relíquias do Protomártir¹³.

3. IGREJAS, BASÍLICAS, MOSTEIROS

Provavelmente uma das mais antigas igrejas hispânicas dedicadas a Santo Estêvão é a de *Nativola*, localidade hoje não identificável da diocese de Guadix (Granada), consagrada durante o reinado do visigodo Viterico (603-610)¹⁴. Além deste edifício, hoje perdido, há no actual território espanhol um número significativo de templos consagrados a Santo Estêvão, dos quais salientamos pela sua antiguidade as igrejas românicas de Aramil e Ciaño (ambas nas Astúrias), Bañuelos de Rudrón (Burgos), Segóvia e Corullón (León).

Em Portugal são várias as igrejas dedicadas a Santo Estêvão. Sublinhamos pela sua antiguidade a igreja e antigo mosteiro de Santo Estêvão de Vilela (Paredes, distrito do Porto), cuja fundação poderá remontar pelo menos ao ano 1000, sendo as mais antigas referências datadas de 1030. A actual igreja é do século XVIII, não restando senão fragmentos da primitiva igreja românica¹⁵.

De fundação muito antiga será também o edifício original da igreja de Santo Estêvão de Alfama (Lisboa), que está já referenciada em 1173, poucas décadas depois da conquista de Lisboa por D. Afonso Henriques em 1147. A actual igreja é fruto de diversas reconstruções, de que as mais importantes foram as de 1733 e 1773.

13 Hübner, n.º 383.

14 Vives, *Inscripciones*, n.º 303.

15 Os dados relativos aos monumentos portugueses referidos neste capítulo foram retirados da página web da Direcção-Geral do Património Cultural.



Segundo o padre António Carvalho da Costa, que escreveu a sua *Corografia portuguesa* pouco antes das profundas reconstruções do século XVIII, achava-se nesta igreja “uma relíquia de Santo Estêvão inclusa em uma âmbula de prata dourada, que se expõe no seu dia, e no da sua invenção”¹⁶.

De edificação pouco posterior é a igreja de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre, em Santarém, embora do templo original do século XIII quase nada sobreviva, em consequência da reconstrução quinhentista que hoje podemos ver.

Além destes templos, a documentação medieval contém referências a outras igrejas no actual território português, algumas anteriores à Nacionalidade. De entre as mais antigas assinalamos a igreja de Santo Estêvão de Mucela (Vila Nova de Poiares, Coimbra), referida no cartulário do Lorrvão num documento datado do ano 946¹⁷. A basílica do mosteiro de Santo Antonino de Moure (Vila Verde, Braga), dedicada a vários santos, entre eles Estêvão, é referida em vários documentos do *Liber Fidei* datados de entre 1045-1083¹⁸. Há igualmente referência a uma igreja de Santo Estêvão em São Miguel de Frossos (Braga) num documento datado de 6 de Dezembro de 1076¹⁹. Um documento datado de 12 de Maio de 1074 refere uma igreja de Santo Estêvão em Rio Mau (Chaves, Vila Real)²⁰. A igreja e mosteiro de Santo Estêvão de Faiões (Chaves, Vila Real), também chamados de Santo Estêvão de Chaves, são referidos em vários documentos datados de

16 *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*, vol. 3, Lisboa, 1712, p. 383 (ortografia actualizada).

17 Lorrvão, doc. 44.

18 *Liber Fidei*, docs. 233, 235, 236, 241, 248, 253, 256, 257, 267, 269, 272, 277, 285.

19 *Liber Fidei*, doc. 100.

20 *Liber Fidei*, doc. 98.



entre 1072 e 1160²¹. A actual igreja é uma reconstrução do século XVI feita sobre um antigo edifício provavelmente do século X. Perto dela encontra-se a chamada Torre de Santo Estêvão, também conhecida por Castelo de Santo Estêvão, estrutura fortificada do século XIV²². Assinalamos ainda a referência à igreja de Santo Estêvão em Arouca (Aveiro) num documento datado de 1158²³.

4. LENDAS E TRADIÇÕES

A aldeia e antiga sede de freguesia de Santo Estêvão das Galés (Mafra, Lisboa) regista no seu folclore uma curiosa lenda. Pretendia o povo construir uma igreja em honra do santo entre o sítio das Cruzinhas e o lugar de Monfirre. Não era esta, contudo, a vontade do mártir, e assim a sua imagem todos os dias desaparecia da igreja, para aparecer no alto do monte. Impaciente e revoltado, o povo tomou a atitude drástica de, numa provavelmente inconsciente recriação do martírio, expulsar à pedrada a imagem do santo em direcção ao vale onde se achava a igreja. Mas nem assim a imagem deixou de reaparecer todos os dias no monte, até que os fiéis se conformaram com a vontade do mártir, e construíram a igreja no topo onde hoje se acha. Foi nesse momento que Santo Estêvão operou um milagre, transformando em pão as pedras que o povo lhe lançara. Segundo a tradição, resulta deste milagre a referida Festa dos Merendeiros, durante a qual se distribui pão ázimo à população após a missa.

21 *Liber Fidei*, docs. 358-361, 396-398, 400, 401, 410, 412, 436, 653, 715, 813 .

22 Mário Jorge Barroca, “Santo Estêvão de Chaves: uma nova inscrição do Bispo D. Pedro”, in *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, vol. XII, Porto, 2013, pp. 263-273.

23 Livro Preto, doc. 70.

24 Tomamos a versão apresentada em <http://www.lendarium.org/narrative/lenda-de-santo-estevao-das-gales/>.

TEXTOS SOBRE SANTO ESTÊVÃO



I

Avito de Braga, *Revelação de Santo Estêvão*

II

Santo Agostinho, *Sermões*

III

Gregório de Tours, *Glória dos Mártires*

IV

Hino visigótico

Avito de Braga

Revelação de Santo Estêvão

É Sexta-feira, dia 3 de Dezembro do ano de 415. Em Dióspolis, a actual cidade israelita de Lod, prepara-se um concílio provincial com o objectivo de condenar o herege Pelágio. A poucos quilómetros, na pequena povoação de Cafar Gamala, o padre Luciano é visitado em sonhos por Gamaliel, que lhe ordena que se dirija a Jerusalém e revele ao bispo João o lugar em que se acham as suas ossadas, as do seu filho Abibas, as de Nicodemos e, o que é mais importante, as do mártir Santo Estêvão, cujo corpo Gamaliel sepultara com devoção na sua propriedade. Receoso, Luciano solicita uma segunda e uma terceira visão, de modo a estar seguro da santidade da mensagem. Só então se dirige ao bispo João, e se iniciam os trabalhos destinados a achar as ossadas, o que não sucedeu senão após uma quarta aparição de Gamaliel, desta vez a um monge, com a finalidade de reorientar as buscas, que se faziam no lugar errado. A invenção das relíquias é acompanhada de diversos milagres, e a trasladação da sua maior parte para a Igreja de Sião, em Jerusalém, ocorreu no dia da festa do Protomártir, a 26 de Dezembro do ano de 415. Parte das relíquias, contudo, foi distribuída a outros membros da hierarquia eclesiástica.

Estava também na Terra Santa o padre Avito de Braga. Ao saber do sucedido, não tardou em solicitar a Luciano parte das relíquias, para as enviar para a Igreja de Braga. Mas Avito considerou também que urgia registar os extraordinários acontecimentos que haviam conduzido à invenção das relíquias, e instou assim Luciano a passá-lo à escrita. O próprio Avito empreendeu a tradução do texto para latim, que prefaciou com uma carta dirigi-



Carlo Crivelli, *Santo Estêvão* (1476).

da ao bispo Balcónio de Braga, e que confiou juntamente com as relíquias ao compatriota Orósio, que abandonava então Jerusalém para regressar à Galécia. Ainda que, como vimos, a missão de Orósio tenha sido frustrada pela instabilidade que se vivia na Hispânia, a verdade é que quer a dispersão das relíquias pelo Norte de África quer o relato de Avito contribuíram de forma decisiva para o desenvolvimento do culto de Santo Estêvão no Ocidente, a partir das primeiras décadas do século V.

É a tradução do relato de Luciano, na versão latina de Avito, e a carta por ele dirigida a Balcónio que apresentamos neste volume. O texto latino é conhecido em duas versões, das quais a primeira é com toda a probabilidade a tradução de Avito. Uma segunda versão poderá constituir uma outra tradução feita sobre o original grego – segundo o seu editor, provavelmente a versão oficial mandada fazer pelo bispo João²⁵. Optámos neste volume por apresentar a primeira versão, por ser seguramente aquela que saiu da mão de Avito, portanto a que acompanhou Orósio na sua viagem abortada em direcção a Braga.

25 Sobre os problemas associados à transmissão do texto, vide Vanderlinden, pp. 180 e seguintes.

Santo Agostinho

Sermões

Santo Agostinho nasceu em 354 na actual Argélia, em Tagaste, e foi bispo de Hipona a partir de 396. Morreu em 28 de Agosto de 430, durante o cerco que os Vândalos puseram à cidade. Figura ímpar da cultura ocidental, deixou-nos obras marcantes como as *Confissões*²⁶, *A Cidade de Deus*²⁷ ou a *Trindade*²⁸, para citar apenas algumas das mais importantes. Deixou também um impressionante acervo de sermões, entre os quais 11 dedicados a Santo Estêvão, de extensão e valor desiguais.

Os sermões 314 a 319A, pronunciados entre cerca de 416 e 425²⁹ no dia de Santo Estêvão, desenvolvem com variantes pouco significativas a similitude entre a paixão de Cristo e a de Estêvão, sublinhando o amor aos inimigos que ambos demonstraram no momento em que encaravam a morte: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”³⁰, disse Cristo na cruz; “Senhor, não lhes imputes este pecado”³¹, orou Estêvão, enquanto sobre si choviam as pedras dos inimigos. Assinalamos de entre este grupo de sermões o n.º 318, pronunciado em 425, que alude à invenção das relíquias de Santo Estêvão

26 A. Espírito Santo, M.ª C. Pimentel, J. Beato (trad.); M. B. Costa Freitas (intr.), *Santo Agostinho. Confissões*, Lisboa, 2004.

27 J. D. Pereira (trad.), *Santo Agostinho. A Cidade de Deus*, Lisboa, 1996.

28 A. Espírito Santo, D. Lucas Dias, J. Beato, M.ª C. Pimentel (trad.); J. M. Silva Rosa (intr.), *Santo Agostinho. Trindade. De Trinitate*, Lisboa, 2007.

29 A cronologia dos sermões poder ser consultada, com indicações bibliográficas, aqui: http://www.augustinus.it/latino/discorsi/tavola_discorsi.htm.

30 Lucas 23:34.

31 Actos dos Apóstolos 7:60.

II

uma década antes. Mais interessante, estabelece um paralelo entre as perseguições aos mártires e as tentações quotidianas, como no caso dos encantamentos, sacrifícios ilícitos e amuletos insidiosamente oferecidos aos cristãos para cura dos seus padecimentos.

Os sermões 320-324 foram pronunciados em dias consecutivos no mês de Abril de 414, na semana seguinte à Páscoa, e constituem um caso a vários títulos assinalável. No primeiro e brevíssimo sermão, pronunciado no Domingo de Páscoa, Santo Agostinho justifica as poucas palavras que dirige à comunidade com o cansaço e os jejuns próprios da quadra. No dia seguinte fala de forma ainda mais breve, prometendo no entanto para o dia seguinte a leitura do relato de um miraculado, cujas palavras serão registadas nessa mesma noite. Na terça-feira, Santo Agostinho procede à leitura do extraordinário relato do miraculado, a quem pede que se levante para que a comunidade o possa ver, e cujos pormenores remetemos para a leitura do texto aqui apresentado em tradução. Adiantemos que se trata da cura miraculosa, por intermédio de Santo Estêvão, de uma doença que a própria mãe do homem havia infligido aos seus filhos por meio de uma maldição. Estão presentes o miraculado, como dissemos, mas também a sua irmã, ainda padecendo da maldição materna. Após a leitura do relato, Santo Agostinho discorre sobre ele, e é quando se prepara para contar outros exemplos de milagres devidos a Santo Estêvão que o sermão é interrompido pelos gritos da assembleia, que acaba de presenciar o milagre da cura da irmã, que se achava em oração na *memoria* de Santo Estêvão enquanto Agostinho falava aos fiéis.

III

Gregório de Tours

Glória dos Mártires

Gregório de Tours, (c. 538/540-594), nascido na actual Clermont, em França, foi eleito bispo de Tours em 573. Por volta de 576 começou a sua obra mais conhecida, a *História dos Francos*, concluída apenas no ano da sua morte, e que relata a história deste povo desde a Criação até ao ano 591. Deixou também importante obra hagiográfica, concretamente os seus *Oito Livros de Milagres*, de que faz parte a *Glória dos Mártires*, de que apresentamos neste volume o capítulo 33. Trata-se do relato de três milagres ocorridos um em Tours, outro em Bourges, um terceiro em Bordéus – envolvendo todos eles a presença de relíquias de Santo Estêvão, e sendo testemunha indirecta do primeiro o próprio Gregório.

IV

Hino visigótico

Fruto de uma tradição que teve o seu início no Ocidente com Santo Hilário de Poitiers (século IV) e que na Hispânia viu em Prudêncio (século IV/V) o seu primeiro grande cultor, os hinos em louvor dos mártires desempenharam um papel essencial na liturgia hispânica. O hino aqui apresentado segue os tópicos habituais da tradição hagiográfica de Santo Estêvão, concretamente o paralelo com a paixão de Cristo, com insistência no amor aos inimigos demonstrado no momento da morte.

SANTO ESTÊVÃO



I

AVITO DE BRAGA

REVELAÇÃO DE SANTO ESTÊVÃO

Carta de Avito à Igreja de Braga

O presbítero Avito saúda no Senhor o bem-aventuradíssimo e sempre queridíssimo bispo Balcónio³² e também todo o clero e povo da Igreja de Braga.

Desejo e rogo que me tenhais nos vossos pensamentos, tal como eu, tanto quanto me é possível, não cesso de vos ter entre os santos nos meus pensamentos, sofrendo na minha dor as vossas tribulações, e derramando na Terra Santa lágrimas infindas pelo dilaceramento da vossa pátria, para que o Senhor vos restitua a liberdade, a vós a quem quis Ele advertir, ou dê mansidão àqueles a quem permitiu prevalecerem. E a verdade é que eu, bem-aventuradíssimos irmãos – e falo tendo nosso Senhor Jesus Cristo por testemunha – quis muitas vezes ir até vós, para convosco suportar os males ou fruir dos bens, mas foi o meu desejo impedido, ao estar o inimigo espalhado por toda a Hispânia³³. Receei com efeito que ao deixar a Terra Santa, porventura não conseguisse chegar até vós, capturado em algum lugar sofresse as penas de uma audácia irracional. Mas porque Deus misericordioso se dignou com o meu voto e o vosso mérito providenciar com a graça da Sua indulgência que fosse primeiro enviado pelos bispos africanos para aquelas regiões o meu queridíssimo filho e colega presbítero Orósio, ele cujo amor e consolo me devolveu a presença de todos vós; em seguida, que naqueles mesmos dias em que com incrível saudade preparava já ele, feliz, o regresso até vós, se dignasse a coroa da nossa glória em Jesus Cristo, Estêvão, o primeiro mártir, com muita evidência revelar-se e manifestar-se com os sinais³⁴ e virtudes que se seguiram. Recebida a ocasião de Deus que tamanhas coisas ordenava, considerarei mais digno enviá-lo eu a vossa caridade, de modo a que, estando presente o próprio advogado e patrono,

se dignasse assistir os pedidos dos que lhe obedecem, ele que quando sofria o martírio se dignou também orar pelos inimigos. E assim, bem-aventuradíssimos e queridíssimos irmãos, tendo-vos incessantemente nos meus pensamentos e vendo tão adequada a disposição de Deus, dispus-me a obter do bispo a quem fora revelado alguma parte do corpo achado, a qual, depressa pedida e em segredo recebida, não hesitei em vos enviar. Eis a razão por que vos envie pelo meu santo filho e colega presbítero Orósio relíquias do corpo do bem-aventurado Estêvão, o primeiro mártir, a saber: pó da carne e dos nervos e, o que mais fiel e certamente se deve acreditar, ossos sólidos e manifestos da sua santidade, tão cheios de novos pigmentos e odores. De modo a que não possa haver qualquer dúvida, envio-vos junto com esta carta a epístola do presbítero a quem foram reveladas estas coisas e o texto que, rogando e solicitando eu para melhor se conhecer a verdade, primeiro ditou ele em língua grega, mas foi depois por mim vertido em latim. Também a vós, santos e bem-aventurados irmãos, imploro que o considereis tão verdadeiramente acontecido quão fielmente recebido. Tenho realmente a certeza de que tal como se dignou o próprio mártir anunciar e manifestar-se pela salvação do mundo periclitante, com o auxílio da presença de tamanho patrono, se tal penhor amais com digno zelo, por mor dele vivais seguros e sossegados.

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo esteja convosco, queridos que me sois no Senhor.

REVELAÇÃO DE SANTO ESTÊVÃO

Luciano, necessitado de misericórdia e o mais insignificante de todos os homens, presbítero da igreja de Deus que está na vila de Cafar Gamala, no território de Jerusalém, saúda no Senhor todos os santos da santa Igreja que em todo o mundo estão em Cristo.

32 Balcónio foi bispo de Braga entre 417-456.

33 Os visigodos, também arianos, estavam então espalhados pelo restante território da Península.

34 Marcos 16:20.

1. Considerei necessário expor ao vosso amor em Cristo toda a verdade, e tal como tomei conhecimento, com toda a simplicidade, sobre a revelação das relíquias do bem-aventurado e glorioso protomártir Estêvão e primeiro diácono de Cristo, e de Nicodemos, que está registado no Evangelho³⁵, e de Gamaliel, que é nomeado nos Actos dos Apóstolos³⁶, que vindo de Deus apareceu à minha pequenez três vezes. Isto foi-me pedido e mais ainda ordenado pelo santo e devoto a Deus padre Avito, e eu obedeci como um filho a um pai.

2. No dia de Parasceve (ou seja, Sexta-feira), que foi o dia três de Dezembro, no décimo consulado do imperador Honório e no sexto do imperador Teodósio³⁷, ao chegar a noite, estando eu a dormir no meu quarto no santo lugar do baptistério, no qual era hábito dormir e vigiar as alfaias que estavam em uso, na terceira hora da noite (que é a primeira custódia das vigílias), tendo ficado semi-acordado em êxtase, vi um velho homem *hieroprepen* (ou seja, um digno sacerdote)³⁸, de cabelos brancos, com uma barba longa, coberto por uma veste branca com pequenas gemas de ouro, que dentro tinham o sinal da Santa Cruz. E tendo na mão uma bastão de ouro, aproximou-se e ficou à minha direita, e bateu-me três vezes com o bastão de ouro, chamando-me pelo meu nome, dizendo:

35 João 3:1 ; 3:4 ; 7:50; 19:39.

36 Actos dos Apóstolos 5:34; 22:3

37 Ou seja, no ano 415. Era costume entre os Romanos aludir aos anos não por uma contagem ordinal, como fazemos hoje, mas recorrendo ao nome dos dois cônsules então em funções. Eleitos para mandatos de um ano, os cônsules eram durante a República os magistrados supremos. Passaram a desempenhar um papel bastante mais secundário durante o Império, sendo mesmo muitas vezes o cargo assumido pelo imperador em funções. Honório foi imperador do Ocidente entre 395 e 423. Teodósio II, por sua vez, foi imperador do Oriente entre 408 e 450.

38 O autor recorre, por vezes, a palavras gregas que não traduz, limitando-se a explicar o seu sentido. Optámos por conservá-las na nossa tradução.

– Luciano, Luciano, Luciano!

E disse-me em grego:

– Vai à cidade que se chama Élia (que é Jerusalém)³⁹, e diz ao santo João que nela é bispo⁴⁰: “Há quanto tempo estamos fechados, e não nos abres a porta? E mais ainda quando é preciso que sejamos revelados nos tempos do teu sacerdócio! Abre-nos depressa o túmulo onde negligentemente estão postas as nossas relíquias, para que por nosso intermédio abra Deus e o seu Cristo e o Espírito Santo a porta da Sua clemência neste mundo! Periga, na verdade, o mundo por mor das muitas desgraças que nele acontecem todos os dias. E não é tanto por mim que me preocupo, quanto pelo que me diz respeito em relação àqueles que foram postos comigo, santos e muito dignos de honra.

3. E respondi-lhe dizendo:

– Quem na verdade és tu, senhor, e quem são os que estão contigo?

Respondeu-me:

– Eu sou Gamaliel: fui eu que alimentei o apóstolo Paulo e lhe ensinei a Lei em Jerusalém⁴¹. E quem comigo jaz na parte oriental do túmulo é o meu Santo Estêvão, que pela fé de Cristo foi lapidado pelos Judeus e pelos príncipes dos sacerdotes em Jerusalém, fora da porta que dá para o Norte e que conduz a Cedar, onde jazeu por terra dia e noite, por não ser dado à sepultura, de acordo com a ordem dos ímpios príncipes, para que o seu corpo fosse consumido pelas feras. Por vontade de Deus nenhuma lhe tocou: nem fera, nem ave, nem cão. Eu, Gamaliel, compadecendo-me do ministro de

39 De facto, Jerusalém foi arrasada no ano 70 pelo futuro imperador Tito. No ano 130, o imperador Adriano, cujo nome completo era Públio Élio Trajano Adriano, tomou a iniciativa de construir sobre as suas ruínas uma nova cidade, que chamou Élia Capitolina.

40 João foi bispo de Jerusalém entre cerca de 386 e 417.

41 Actos dos Apóstolos 22:3.

Cristo e ansiando ter mercê e parte com o santo varão na Fé, enviei de noite quantos religiosos e crentes em Jesus Cristo conhecia que moravam em Jerusalém entre os Judeus, e exortei-os e forneci-lhes o que necessitavam para a sua subsistência e persuadi-os a irem às escondidas levar (com perigo para mim) o corpo dele para a minha aldeia, ou seja Cafar Gamala (o que quer dizer “aldeia de Gamaliel”, a vinte milhas da cidade), e ali mandei que se fizesse um luto de quarenta dias, e pu-lo no meu túmulo novo, na tumba que fica a oriente, e ordenei-lhes que tirassem da minha propriedade o que quer que fosse necessário para o luto. Também foi posto em outra tumba esse santo Nicodemus que veio até junto de Jesus o Salvador de noite e que foi por ele catequizado, ao ouvir que “não pode entrar no reino dos Céus senão aquele que tiver renascido da água e do Espírito Santo”⁴². E indo foi baptizado pelos discípulos de Cristo. E tomando disto conhecimento os Judeus, privaram-no da sua dignidade e amaldiçoaram-no e expulsaram-no da cidade. E eu, Gamaliel, acolhi-o no meu campo como tendo sofrido perseguição por Cristo, e alimentei-o e vesti-o até ao fim da sua vida, e sepultei-o com honras junto de Santo Estêvão. Ora também o meu queridíssimo filho Abibas, que comigo recebeu o baptismo de Cristo dos seus discípulos, tendo vivido 20 anos e morrido antes de mim, está na terceira tumba, a mais alta, na qual também eu, tendo morrido depois, fui posto. Quanto à minha esposa, que se chama Etna, e a Selemias, meu filho primogénito, que não quiseram pertencer à Fé de Cristo, estão sepultados em outra aldeia, a da sua mãe, em Cafar Selemia.

Perguntei então eu, o humilde presbítero Luciano, dizendo:

– E onde vos procuraremos?

Ele disse-me:

– No meu *proastion* (o que se pode entender como um campo próximo da aldeia), que se chama Delagabri, o que quer dizer “dos homens de Deus”.

4. Quando despertei, orei a Deus dizendo:

– Senhor Jesus Cristo, se vem de Ti esta visão e não é uma ilusão, faz com que segunda e terceira vez me apareça, quando quiseres e como quiseres. Comecei pois a jejuar e a comer alimentos secos até à outra Parasceve. E de novo esse santo Gamaliel me apareceu com a mesma aparência e a mesma atitude que na primeira visão, dizendo:

– Porque não quiseste ir e falar com o santo bispo João?

E eu respondi-lhe:

– Receei, senhor, ir logo anunciar tudo isto após a primeira visão, não fosse parecer um charlatão. Pedi então que, se me tivesses sido enviado pelo Senhor, segunda e terceira vez me aparecesses.

Disse-me então ele:

– Confia, confia, confia em mim!

E de novo me disse:

– Visto que quiseste saber das relíquias de cada um como e onde foram postas, apura os teus sentidos, e vê atentamente o que te é revelado.

E eu disse:

– Sim, senhor!

E logo ele trouxe quatro cestos, três de ouro e um de prata. Três deles estavam cheios de rosas: dois de rosas brancas, o terceiro de rosas avermelhadas, como que tendo sangue⁴³. Quanto ao quarto cesto, estava cheio de açafraão bem cheiroso. E pô-los diante de mim, e eu disse:

– Que é isto, senhor?

E ele disse-me:

– São as nossas relíquias. O que tem rosas vermelhas é Santo Estêvão, que está posto à direita, a oriente da entrada do túmulo. O segundo cesto é São Nicodemos, posto em frente da porta. Quanto ao cesto de prata, é o meu filho Abibas, *deuterotes tou nomou* (ou seja, doutor da Lei), imaculado desde o ventre da sua mãe; está junto ao meu cesto num lugar elevado onde ambos estamos postos como gémeos.

5. E de novo despertei e do mesmo modo jejei até à Parasceve seguinte. E eis que de novo me apareceu ele com a mesma aparência e a mesma voz, ameaçando e muito agitado, dizendo:

– Porque tanto desobedeceste, ou que desculpa podes ter? Acredita em mim: se não fores e não disseres ao santo bispo João, sofrerás o que não julgas!

Ora eu disse a tremer:

– Sim, senhor, eu vou!

Ora nessa hora vi-me a contar ao bispo as visões que acima estão descritas. E ouço esse mesmo bispo dizendo-me assim, nessa terceira visão:

– Se assim viste essas coisas, meu querido, é-me por isso necessário tomar um boi arador *amaxicon* (o que podemos chamar um “boi de tracção”) trabalhador e deixar-te o campo onde estão os frutos.

E eu disse-lhe:

– Senhor, para que me serve um campo, se não tenho um boi que trabalhe nele?

E disse-me o bispo:

– Assim me apraz, que eu tome um boi arador, *amaxicon*, trabalhador.

6. E logo despertei e vi e contei tudo ao santo bispo João e a todo o seu clero. Disse-me então ele:

– Vai e cava no monte que está nesse campo, e se achares diz-mo.

E eu disse-lhe:

– Andei pelo campo e vi um monte de pedras pequenas no meio, ali onde julgava

que eles estavam.

E disse-me o bispo:

– Vai, cava e se achares guarda o lugar ficando lá sentado, e diz ao diácono para me chamar, a fim de que venha até esse lugar.

E assim me mandou embora. Como tivesse eu chegado à aldeia, enviei pregoeiros para que todos os habitantes da aldeia se levantassem de madrugada e cavassem no monte.

7. Ora nessa mesma noite apareceu o santo Gamaliel, com a mesma aparência com que me apareceu, a um certo monge de nome Migécio, homem inocente e simples, e disse-lhe:

– Vai, diz ao presbítero Luciano: “Trabalhas em vão naquele monte, já não estamos aí, mas fomos alí postos quando nos pranteavam segundo o costume dos antigos. Por isso aí foi feito o monte como testemunho do luto. Procura-nos antes noutra parte, aquela que fica a norte, no lugar que em siríaco se diz Dabatalia, que em grego quer dizer Andragathon (que nós podemos traduzir por “dos Homens Fortes”).

Ora erguendo-me de madrugada para os hinos, encontrei aquele monge pregando a todos os irmãos. Cantados os hinos, comecei a dizer:

– Vamos até àquele monte e cavemos nele.

Então alguns disseram-me:

– Ouve primeiro o que diz o monge Migécio.

E tendo chamado o monge Migécio, perguntei-lhe o que tinha ele visto. Ora ele disse-me todos os sinais que vira de Santo Gamaliel, e como vira o campo situado a sul e um túmulo nele, negligenciado e em ruínas, onde viu estendidos três leitos de ouro e um deles mais elevado do que os outros, no qual jaziam dois homens, um velho e um jovem, e em cada um dos outros dois leitos estava um homem. E tomou a palavra o que estava no leito mais elevado, e disse:

– Vai, diz ao presbítero Luciano que fomos os senhores deste lugar. Se queres encontrar um grande justo, está ele posto na parte oriental.

E ao ouvir isto do monge, glorifiquei o Senhor, pois foi achada outra testemunha na revelação.

8. Fomos pois até ao monte e ao cavarmos nada achámos. Voltámos então àquele túmulo onde Gamaliel aparecera ao monge naquela mesma noite. E ao cavarmos achámos três tumbas, tal como me aparecera, com a aparência de cestos. Achámos pois uma pedra gasta escrita com letras muito grandes, dizendo assim: “Celihel, o que quer dizer Coroa de Deus⁴⁴, e Nasoam, o que quer dizer Nicodemos, e Gamaliel (isto traduziu o bispo João, tal como eu mesmo ouvi desse santo bispo). Comuniquei logo ao bispo, embora ele estivesse em Lida (que é Dióspolis⁴⁵), num sínodo. Ele tomou consigo dois outros bispos, Eutónio de Sebaste e Eleutério de Jericó, e vieram até ao lugar. Abrindo eles o túmulo de Santo Estêvão, logo saiu um tão grande odor que encheu todo aquele lugar. Ora tendo sido feita uma oração por todos os bispos e por todos os irmãos que com eles estavam, deram-se muitos e diversos milagres de salvação entre o povo. E beijando as relíquias, de novo fecharam o lugar. E poucos dias depois trasladaram o santo corpo de Estêvão para a cidade, no dia 26 de Dezembro.

9. E então naquele tempo de permanente e infinita seca caiu uma grande chuvada e com abundância se inebriou a terra, e todos glorificavam a Deus por mor do Seu santo Estêvão e por mor do Seu tesouro de misericórdia e piedade, Ele que ao mundo periclitante se dignou revelar o Senhor Jesus Cristo, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Ámen.



Gravura de Augusto Guglielmi a partir de Juan de Juanes,
Santo Estêvão na Sinagoga (c. 1826-1832)

44 Recordemos que *stéphanos* significa, em grego, “coroa”.

45 Trata-se da actual Lod, em Israel, conhecida em grego como Dióspolis, “Cidade de Zeus”.

O autor refere-se ao concílio do ano 415, destinado a julgar o herege Pelágio.

II

SANTO AGOSTINHO

SERMÃO 314

No dia do mártir Estêvão

Deve Estêvão ser imitado, sobretudo no amor aos inimigos.

1. Celebrámos ontem o Natal do Senhor, hoje celebramos o Natal⁴⁶ do servo. Mas do Senhor celebrámos o Natal em que se dignou nascer; do servo celebramos o Natal em que foi coroado. Do Senhor celebrámos o Natal em que recebeu a veste da nossa carne; do servo celebramos o Natal em que se despojou da veste da sua carne. Do Senhor celebrámos o Natal em que se fez semelhante a nós; do servo celebramos o Natal em que se fez próximo de Cristo. Na verdade, tal como Cristo ao nascer se uniu a Estêvão, também Estêvão ao morrer se uniu a Cristo. Mas se a Igreja celebra o dia da Natividade e o da Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo com o obséquio de uma igual devoção, fá-lo porque ambos são remédio. Na verdade Ele nasceu para renascermos, morreu para vivermos para sempre. Quanto aos mártires, ao nascer vieram para maus combates, trazendo consigo o pecado original. Ao morrerem, passaram para os mais certos dos bens, pondo fim a todo o pecado. Na verdade, se constituídos na perseguição não os confortassem as recompensas da beatitude futura, como suportariam aqueles suplícios de paixões diversas? Se o bem-aventurado Estêvão constituído sob uma chuva de pedras não tivesse em mente as recompensas futuras, de que modo toleraria aquela saraivada? Mas trazia no espírito o preceito d'Aquele cuja presença via no Céu, e n'Ele apoiado por um ardentíssimo amor, desejava o mais depressa possível abandonar a carne e voar até Ele. Já não temia a morte, pois via a Cristo, que sabia ter morrido por si, vivo, e por isto se apressava também a morrer por Ele, para com Ele viver. O que na verdade via o bem-aventuradíssimo mártir constituído naquele combate? Recordais-vos sem dúvida das suas palavras, as que costumais ouvir do livro dos Actos dos Apóstolos: “Eis que”, disse, “vejo os céus abertos, e Cristo de pé à direita de Deus.”⁴⁷ De pé via a Cristo, por isso estava de pé

⁴⁶ Recordemos que “Natal” tem em si a raiz “nat-”, com o sentido de “nascer”.

⁴⁷ Actos dos Apóstolos 7:55.

e não caía, pois Ele estava no alto, e vendo lá de cima aquele que cá em baixo combatia, incutia ao seu soldado forças invencíveis, para que não caísse. Bem-aventurado homem para quem os céus se abriam! Mas quem abriu os céus? Aquele de quem se diz no Apocalipse: “Aquele que abre e ninguém fecha, fecha e ninguém abre.”⁴⁸ Quando Adão foi expulso do Paraíso depois daquele primeiro e nefando pecado, fechou-se o céu ao género humano. Depois da paixão de Cristo, entrou primeiro o ladrão, depois Estêvão viu o céu aberto. De que nos admiramos? De ter fielmente visto, fielmente indicado e violentamente conquistado?

2. Vamos, irmãos, sigamo-lo! Se na verdade seguirmos Estêvão, seremos coroados. Mas deve ser sobretudo seguido e por nós imitado no amor aos inimigos. Sabes na verdade que rodeado de um bando de muitos inimigos, como fosse massacrado por todos os lados com muitas pedradas, plácido e intrépido, manso e suave entre as pedras que o matavam, pondo os olhos n'Aquele em nome de quem era morto, não disse “Senhor, julga a minha morte”, mas “recebe o meu espírito.”⁴⁹ Não disse “Senhor Jesus, vinga o teu servo que vês posto neste suplício de morte”, mas “não lhes imputes este pecado.”⁵⁰ Persistindo pois o bem-aventuradíssimo mártir no testemunho da verdade e ardendo com o espírito do amor, alcançou como sabeis um gloriosíssimo fim. E aquele que chamado perseverou até ao fim, obteve no fim aquilo que era chamado. Estêvão foi levado pela glória do seu nome até à coroa⁵¹. Quando pois o bem-aventurado Estêvão, o primeiro, derramou sangue por Cristo, foi como se tivesse vindo uma coroa do céu, para que a tomassem, seguindo-o, na recompensa

48 Apocalipse 3:7.

49 Actos dos Apóstolos 7:59.

50 Actos dos Apóstolos 7:60.

51 *Stéphanos* significa em grego “coroa”.

os que imitassem no combate a virtude daquele que os precedera. Encheram depois a terra tantos mártírios. Todos os que depois derramaram o sangue pela confissão de Cristo impuseram sobre a sua cabeça aquela coroa, e conservaram-na íntegra para os que se haviam de seguir. E ela ainda pende do céu, irmãos: quem quer que a deseje para ela voará com rapidez. E para que exortemos breve e claramente a vossa santidade não há mister de muitas palavras: siga Estêvão quem quer que deseje a coroa.



Palma Giovane, *A lapidação de Santo Estêvão* (1620)

SERMÃO 316

Na festa do mártir Santo Estêvão

Estêvão, primeiro entre os diáconos. Prodígios feitos por Estêvão, mas em nome de Cristo.

1. Já Estêvão, o bem-aventuradíssimo e gloriosíssimo mártir em Cristo, nos alimentou com a sua palavra. Mas depois desse alimento apresento-vos como que um segundo prato vindo da palavra do meu ministério. E que acho eu mais doce para nele pôr senão Cristo e o próprio mártir? Aquele é na verdade o Senhor, este o servo, mas Estêvão de servo feito amigo. Quanto a nós, somos sem dúvida servos. Que nos proporcione ele sermos também amigos! Mas que servos? Tais que possamos de consciência tranquila cantar: “Muito me foram honrados os teus amigos, Deus”⁵². Antes de ter sido Santo Estêvão morto às claras e às escondidas coroado, ouvistes como foi eleito pelos Apóstolos. Entre aqueles diáconos foi nomeado o primeiro, tal como Pedro entre os Apóstolos. Assim, como tivesse sido ordenado pelos Apóstolos, em breve se antecipou na paixão aos que o haviam ordenado. O que ouvistes pois, quando se lia a sua paixão? “Ora Estêvão, cheio da Graça e do Espírito Santo, fazia muitos prodígios e milagres entre o povo, em nome do Senhor Jesus Cristo”⁵³. Entendei quem e em nome de quem. Vós, que sabeis amar Estêvão, amai-o em Cristo. Quere-o, na verdade, é-lhe grato: com isso se alegra, considera-o apropriado. Não quis, na verdade, alardear o seu nome perante os seus apedrejadores. Vede a Quem confessava, quando era lapidado, Quem confessava na terra, Quem via no Céu, por Quem entregava a sua carne, a Quem encomendava a sua alma! Porventura lemos nós, na verdade, ou podemos nós ler em outros lugares de sã doutrina que Jesus fazia ou faz milagres

52 cf. Salmo 139 (138):17. Santo Agostinho tem em mente a tradução latina dos Salmos feita sobre a *Septuaginta*, a versão grega do Antigo Testamento, que neste ponto difere das traduções modernas feitas sobre o original hebraico.

53 Ações dos Apóstolos 6:8.

em nome de Estêvão? Fê-los Estêvão, mas em nome de Cristo. Fá-lo, e agora mesmo: o que quer que vedes que se faz em memória de Estêvão, em nome de Cristo se faz, para que Cristo seja louvado, para que Cristo seja adorado, para que Cristo seja esperado como juiz dos vivos e dos mortos, e para que seja posto à direita daqueles que O amam. É que quando vier, uns estarão à direita, outros estarão à esquerda. Desgraçados daqueles que estiverem à esquerda!

Os Judeus foram duros para Estêvão

2. Mas que imite o bem-aventuradíssimo Estêvão o seu Senhor. De modo admirável suportava entre as pedras aqueles homens duros que lançavam – o quê, senão o que eram? Para que saibais que suportava homens duros, disse-lhes isto: “homens de cerviz dura e incircuncisos de coração e ouvidos, vós sempre resististes ao Espírito Santo!”⁵⁴ Queres morrer, apressas-te a ser lapidado, anseias por ser coroado. “Vós sempre resististes ao Espírito Santo”. Como tais coisas dissesse, eles fremiam e rangiam os dentes. Ajunta, Estêvão, ajunta o que não suportam, ajunta o que não podem tolerar, ajunta aquilo por que te possam lapidar, para acharmos o que celebrar. Abriram-se os céus, viu o mártir a Cabeça dos mártires: viu Jesus estando à direita do Pai, viu para não se calar. Eles não viam, mas odiavam – e por isso não viam, porque odiavam. Não calou ele o que viu, para chegar Àquele que viu. “Eis”, disse, “que vejo os céus abertos, e o Filho do Homem estando à direita da Majestade”⁵⁵. Eles cerraram os seus ouvidos, como perante uma blasfêmia. Conheci-los no Salmo: “[o seu veneno é] como o de uma víbora surda e que fecha os seus ouvidos para não ouvir a voz do encantador e o remédio fornecido pelo sábio”⁵⁶. Tal como, na verdade, se diz que as víboras quando

54 Ações dos Apóstolos 7:51.

55 Ações dos Apóstolos 7:56.

56 cf. Salmo 58 (57):5-6.

são encantadas, de modo a não se precipitarem e saírem das suas cavernas, pressionam um ouvido contra a terra e com a cauda tapam o outro, e ainda assim o encantador as faz sair, assim também estes silvavam nas suas cavernas, quando ardiam nos seus corações. Ainda não se precipitavam para fora, taparam os seus ouvidos. Precipitem-se já, apareçam como são: corram para as pedras. Correram, lapidaram.

Ao morrer Estêvão imita o Senhor, ao encomendar o seu Espírito e ao orar pelos seus matadores.

3. O que fez Estêvão? O quê? Atentai primeiro n'Aquele a quem o bom amigo imitava. Disse o Senhor Jesus Cristo quando pendia na cruz: “Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito.”⁵⁷ Isto como homem, como crucificado, como nascido da mulher, como revestido da carne, como quem estava para morrer por nós, como quem estaria no sepulcro, como quem ressuscitaria ao terceiro dia, como quem subiria aos Céus. Tudo isto enquanto homem. Como homem, pois: “Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito.” Ele disse: “Pai”. Estêvão disse: “Senhor Jesus”. Que disse também ele? “Recebe o meu espírito”. Tu falaste ao Pai, eu a ti. Reconheço-te como mediador. Vieste erguer aquele que jazia, não caíste comigo. “Recebe”, disse, “o meu espírito”. Isto pedia para si. Veio-lhe à mente outra coisa pela qual poderia imitar o seu Senhor. Recordai as palavras d'Aquele que pendia no lenho, e atentai nas palavras daquele que ao confessá-Lo era lapidado. Que disse Ele? “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”⁵⁸. Talvez estivesse então Estêvão entre aqueles que não sabiam o que faziam. E não sabemos com certeza de onde vinha o bem-aventuradíssimo Estêvão, se daqueles que primeiro acreditaram em Cristo, à semelhança de Nicodemos, que veio ter com Ele de noite⁵⁹, que foi digno de ser sepultado no

57 Lucas 23:46.

58 Lucas 23:34.

59 João 3:1-21.

mesmo sítio que este, pois por ele e também por este foi achado; não sabemos portanto se destes, ou se porventura daqueles que após a ascensão do Senhor, tendo vindo o Espírito Santo, quando dele foram cheios os discípulos e falavam as línguas de todos os povos⁶⁰, comovidos disseram aos apóstolos: “Irmãos, que faremos?”⁶¹ Indicai-no-lo.” É que desesperavam da sua salvação, por terem matado o Salvador. E disse-lhes Pedro: “Fazei penitência, e seja cada um de vós batizado em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, e recebereis o Espírito Santo, e serão perdoados os vossos pecados.”⁶² Achas que todos eles? Que pecado restava, quando também era perdoado aquele pecado pelo qual foi morto o Remissor dos pecados? Que há de pior do que matar Cristo? Foi isto perdoado. Então? Talvez tenha estado Estêvão entre eles. Se esteve entre eles, também por ele valeu aquela oração: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”. Contudo, também Saulo esteve entre eles. Quando era lapidado o cordeiro Estêvão, ainda ele era lobo, ainda tinha sede de sangue, ainda tinha em pouca conta as suas mãos para com elas apedrejar: guardava as roupas dos que lapidavam. Recordado portanto o que em seu favor foi dito – se estava também ele entre aqueles de quem falava o Senhor quando disse “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem” – imitando pois também nisto o seu Senhor, para ser Seu amigo, disse também ele: “Senhor, não lhes imputes este pecado.”⁶³ Mas como o disse? De joelho posto no chão⁶⁴. Encomendou-se a si mesmo de pé, quando orou pelos inimigos pôs-se de joelhos. Porque se encomendou de pé? Porque encomendava um justo. Porque se pôs de joelhos por eles? Porque orava por criminosos. “Senhor, não lhes imputes este pecado.”

⁶⁰ Ações dos Apóstolos 2:1-11.

⁶¹ Ações dos Apóstolos 2:37.

⁶² cf. Ações dos Apóstolos 2:38.

⁶³ Ações dos Apóstolos 7:60.

⁶⁴ Ações dos Apóstolos 7:60.

Saulo, lobo, mudado em ovelha por causa de Estêvão.

4. Cuidas que Saulo ouviu estas palavras? Ouviu, mas zombou delas. E no entanto dizia-lhe respeito a oração de Estêvão. Ainda atacava, e já era Estêvão ouvido em favor dele. Já sabeis, na verdade, para dizer algo de Saulo, e depois Paulo. Sabei-lo sem dúvida. No mesmo livro foi escrito como se tornou Paulo crente. Morto Estêvão, sofreu a Igreja em Jerusalém uma gravíssima perseguição. Foram afugentados os irmãos que lá estavam: só ficaram os Apóstolos; os restantes eram afugentados. Mas como fochos ardentes, onde quer que fossem deixavam lá o seu fogo. Os estultos Judeus quando os afugentavam lançavam brasas ao mato! O que fez ainda Saulo, a quem não bastou a morte de Estêvão, o que de bom grado recordamos, pois já o veneramos? Recebeu cartas dos sacerdotes e doutores da Lei no sentido de onde quer que achasse homens desta via, ou seja Cristãos, os levasse acorrentados para sofrerem os mesmos suplícios que Estêvão sofrera. E irado ia Saulo, ia o lobo aos currais, aos rebanhos do Senhor: como um lobo raivoso tinha sede de sangue, ansiava pelo massacre, ia pela estrada. E do alto lhe disse Aquele: “Saulo, Saulo, porque me persegues?”⁶⁵ Lobo, lobo, porque persegues o cordeiro? Eu quando fui morto matei o leão! Porque me persegues? Despe-te do lobo, torna-te de lobo ovelha, de ovelha pastor!

Imagem representando a lapidação de Estêvão e a conversão de Saulo.

5. Dulcíssima imagem é esta onde vedes Santo Estêvão a ser lapidado, onde vedes Saulo a guardar as vestes dos que lapidavam. Aquele é Paulo, apóstolo de Jesus Cristo⁶⁶, aquele é Paulo, servo de Jesus Cristo⁶⁷! Ouviste bem a voz: “Porque me persegues?”

⁶⁵ Ações dos Apóstolos 9:4.

⁶⁶ 1.ª Epístola aos Coríntios 1:1.

⁶⁷ Epístola aos Romanos 1:1.

Foste prostrado, foste erguido. Perseguidor prostrado, erguido pregador. Diz, para ouvirmos: “Paulo, servo de Jesus Cristo pela vontade de Deus.”⁶⁸ Porventura pela tua vontade, ó Saulo? Pela tua vontade, sabemos, vimos os teus frutos: foi Estêvão morto pela tua vontade. Pela vontade de Deus, vemos os teus frutos: em todo o lado és lido, em todo o lado és recitado, em todo o lado convertes a Cristo os corações adversos, em todo o lado bom pastor reúnes grandes rebanhos. Reinas com aquele que lapidaste, reinas com Cristo. Ambos ali vedes, ambos ouvis agora o nosso sermão, ambos orai por nós: a ambos vos ouvirá Aquele que vos coroou, primeiro a um, ao outro depois, a um que sofreu perseguição, a outro que foi perseguidor. Aquele era então cordeiro, aquele era lobo. Agora, no entanto, são ambos cordeiros. Que os cordeiros nos reconheçam e nos vejam no rebanho de Cristo, que nos encomendem nas suas orações, para obterem uma vida pacífica e tranquila para a Igreja do seu Senhor.

SERMÃO 320

Sobre o mártir Estêvão, no dia de Páscoa

Sobre um homem curado pela oração de Santo Estêvão. Agostinho pede desculpa por não poder fazer o sermão.

Costumamos ouvir os textos de milagres de Deus concedidos por intermédio das orações do bem-aventurado mártir Estêvão. O texto deste milagre é a sua presença. Em vez da escrita, uma notícia; em vez do papiro⁶⁹, mostra-se um rosto. Vós que sabeis o que nele costumais ver lamentando-vos, na sua presença lede rejubilando o que vedes: para que Deus nosso Senhor com mais abundância seja honrado, aquilo que no registo foi inscrito seja também inscrito na vossa memória. Desculpai, pois não vos dou um longo sermão; sabeis com efeito o quanto estou cansado. Que eu tenha conseguido ontem fazer tanta coisa em jejum e não falhar, e hoje ter podido estar aqui a falar convosco, foi graças às orações de Santo Estêvão.

SERMÃO 321

Sobre o mártir Estêvão, Na Segunda-Feira de Páscoa

Onde promete o texto do homem curado.

Dissemos ontem, é verdade, tal como recorda vossa caridade: “O texto deste milagre é a sua presença.” Contudo, visto que nos relatou algumas coisas que deveis conhecer para maior admiração e glória de nosso Senhor sobre as memórias dos seus santos, sobre os quais foi dito “é preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus santos”⁷⁰, é também conveniente fazer um texto que tenha tudo o que da sua boca soubemos. Mas se Deus quiser será hoje preparado, e ser-vos-á amanhã recitado.

SERMÃO 322

Na Terça-Feira de Páscoa

Onde se apresenta o prometido texto do homem curado.

1. Prometemos ontem a vossa caridade um texto onde possais também ouvir sobre aquele homem curado aquilo que não pudestes ver. Assim, se agradar a vossa caridade – ou melhor, porque deve agradar aquilo que a mim agrada – que fiquem de pé perante vós os dois irmãos de sorte que os que não puderam ver aquele vejam neste aquilo de que aquele sofria. Ponham-se pois ambos de pé, aquele a quem foi concedida a graça e o outro por quem deve ser pedida misericórdia.

Cópia do texto oferecido por Paulo ao bispo Agostinho.

2. Rogo, bem-aventuradíssimo senhor bispo Agostinho, que mandes este meu texto, o qual por mandato teu apresentei, ser recitado ao povo santo.

Como morássemos ainda na nossa pátria, em Cesareia da Capadócia⁷¹, o nosso irmão mais velho ofendeu a nossa mãe com graves e intoleráveis injúrias, de tal forma que nem sequer hesitava em lhe bater. Isto suportámos pacientemente nós, os filhos todos reunidos em conjunto, a ponto de nem uma palavra termos dito ao nosso irmão pela nossa mãe, ou perguntado porque o fazia. Mas ela, impelida pelo aguilhão do ressentimento feminino, decidiu castigar o filho injurioso com uma maldição. E como se dirigisse, após o canto do galo, à pia do Sagrado Baptismo para imprecicar contra o referido filho a ira de Deus, apareceu-lhe então alguém (um demónio, entenda-se) com a figura do nosso tio paterno, que lhe perguntou em primeiro lugar onde ela ia. Respondeu-lhe que ia lançar uma maldição contra o seu filho por mor de uma ofensa intolerável. Ora o Inimigo, conseguindo achar lugar fácil no coração enlouquecido da mulher, convenceu-a a lançar sobre todos

71 A actual Kayseri, na Turquia.

nós uma maldição. Ela, inflamada pelos conselhos da víbora, lançou-se por terra e abraçou a fonte sagrada, e de cabelos esguedelhados e seios nus pediu a Deus mais que tudo o seguinte: que, expulsos da pátria e vagueando por terras alheias, aterrássemos todo o género humano com o nosso exemplo. Em breve, um eficaz castigo se seguiu às preces maternas. Logo invadiu o nosso irmão, maior na idade e na culpa, um tremor dos membros tão grande quanto o que em mim ainda há três dias vossa santidade observou. Respeitando, pois, a ordem em que nascemos, no espaço de um ano o mesmo castigo atingiu-nos a todos. Ora quando a mãe viu que as suas maldições tinham tido tão grande eficácia, não pôde mais tempo suportar a consciência da sua impiedade e o opróbrio dos homens. Apertando com um laço a garganta, pôs fim a uma vida deplorável com um termo ainda mais funesto.

Assim partimos todos nós, não suportando o nosso opróbrio. Deixando a nossa pátria comum, dispersámo-nos por diversas paragens, por toda a parte. Mas de todos os dez irmãos, aquele que na ordem de nascimento se segue ao primeiro foi digno da cura, de acordo com o que ouvimos dizer, junto à *memoria*⁷² do mártir Lourenço, que recentemente foi edificada perto de Ravena. Quanto a mim, que na ordem de nascimento sou o sexto deles, com esta minha irmã que se segue a mim na idade, onde quer que soubesse haver lugares sagrados de gentes ou de terras nos quais Deus obrasse milagres, pelo grande amor da desejada cura me fazia ao caminho. Mas para não falar de outros celeberrimos lugares de santos, cheguei nesta minha viagem até Ancona, cidade da Itália, onde por intermédio do gloriosíssimo mártir Estêvão o Senhor opera muitos milagres. Mas não pude ser ali curado, pois a este lugar estava pela divina predestinação reservado. Nem deixei de lado a cidade africana de Uzali⁷³, onde se prega que o bem-aventurado mártir Estêvão opera grandes milagres⁷⁴.

72 A *memoria* é um lugar de culto onde se encontra o corpo ou relíquias de um mártir. Pode ser assim um túmulo, mas também uma capela ou altar.

73 A actual El-Alia, na Tunísia.

A verdade, porém, é que há três meses, ou seja no dia 1 de Janeiro, tanto eu como a minha irmã que aqui está comigo, possuída ainda por este mesmo sofrimento, fomos advertidos por uma clara visão. Disse-me, na verdade, um certo homem de aspecto brilhante e de venerável cabeleira branca que no espaço de três meses obteria a minha desejada cura. À minha irmã, contudo, apareceu numa visão tua santidade, na figura que vemos estando tu presente. Por isto nos foi revelado que deveríamos vir a este lugar. Na verdade, também eu depois via tantas vezes pelas outras cidades ao longo do caminho em que percorríamos tua beatitude tal qual, sem tirar nem pôr, como a que agora vejo.

Advertidos, pois, pela clara autoridade divina, chegámos a esta cidade há cerca de quinze dias. Do meu sofrimento são testemunhas quer os teus olhos, quer a minha infeliz irmã, que, para edificação de todos, mostra o exemplo do mal que nos foi comum, para que aqueles que nela vêem como eu fui reconheçam em mim o quanto o Senhor obrou pelo Seu Espírito Santo. Orava eu todos os dias com abundantes lágrimas no lugar onde está a *memoria* do gloriosíssimo mártir Estêvão. Ora no Domingo de Páscoa, tal como viram outros que ali estavam presentes, enquanto eu orava com grande pranto, apoio-me nos cancelos; de repente caí. Tendo perdido os sentidos, não sabia onde estava. Passado um bocadinho levantei-me, e não achei já aquele tremor no meu corpo. E assim, não ingrato por este tão grande benefício de Deus, apresentei este texto, no qual também revelo o que ignoráveis das nossas desgraças e o que soubestes da minha cura e saúde, para que vos digneis não só orar pela minha irmã, mas também dar graças a Deus por mim.

74 A relação de alguns destes milagres foi feita por Evódio, bispo de Uzali, contemporâneo de Santo Agostinho.

SERMÃO 323

Pronunciado após o texto sobre Santo Estêvão

Quão temíveis são as imprecações dos pais contra os filhos.

1.1. Sem dúvida pela misericórdia de Deus, irmãos, como é forçoso acreditar, todos estes irmãos, a quem a ira de Deus atingiu por mor de uma só praga materna, hão-de alcançar um dia a cura, como aquele por quem agora rejubilamos. Mas aprendam os filhos a obedecer, receiem os pais enfurecer-se. Foi escrito: “A bênção do pai reforça a casa dos filhos, a maldição da mãe erradica os fundamentos.”⁷⁵ Agora não estão estes, espalhados pelas terras, nos fundamentos da sua pátria. Oferecem em todo o lado espectáculo, apresentam o seu suplício, oferecem aos olhos a sua infelicidade, aterram a soberba alheia. Aprendei, filhos, o que diz a Escritura, a dar aos pais a honra devida. Mas também vós, pais, quando sois ofendidos, recordai-vos de que sois pais. Orou a mãe contra os filhos, foi ouvida. Porque Deus é verdadeiramente justo, porque verdadeiramente sofrera injúria: um deles levantara contra ela não só palavras ofensivas mas também a mão. E os outros toleraram passivamente a injúria da mãe, e nem um sequer respondeu por ela contra o irmão. Justo Deus que ouviu quem implorava, que ouviu quem sofria. Mas que aconteceu àquela infeliz? Não é verdade que por aquilo por que mais depressa foi ouvida, por isso mesmo mais foi punida?

A cura não foi alcançada pelos dois irmãos em Ancona, para lhes ser concedida em Hipona. A memória de Estêvão em Ancona, em que ocasião foi construída antes do achamento do seu corpo.

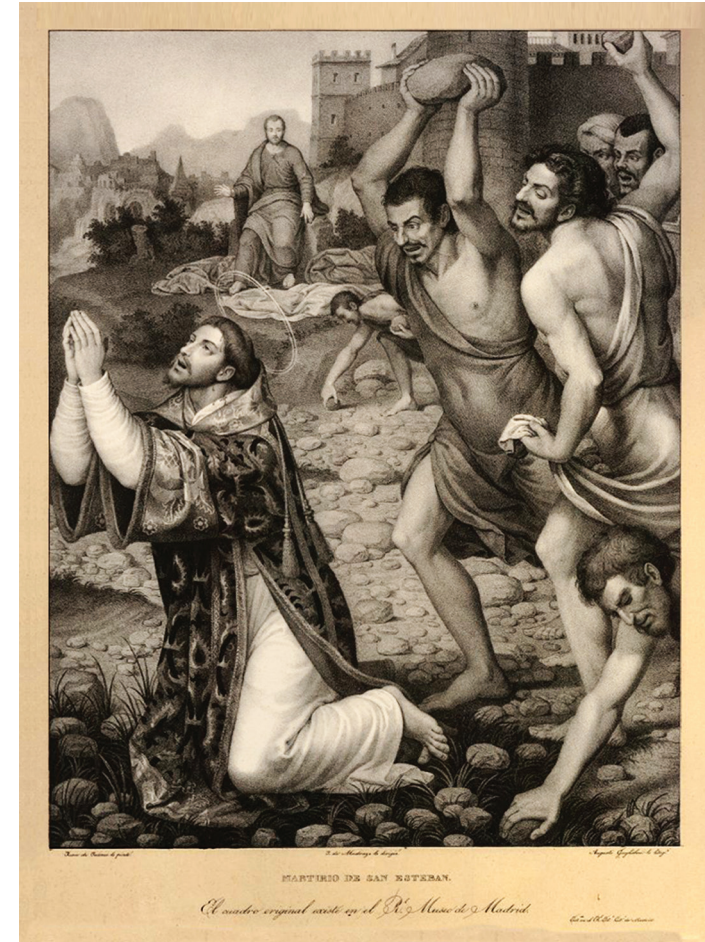
2.2. Mas nós, irmãos, apliquemo-nos a dar graças a Deus nosso Senhor por aquele que foi curado. E por aquela que ainda é possuída, derramemos preces. Bendigamos a Deus, que nos considerou dignos de vermos isto! O que somos nós, pois, para ter

75 Ben Sira 3:11.

eu aparecido, sem o saber, a estes? Viam-me eles, na verdade, e eu não sabia, e eram avisados para virem até esta cidade. Quem sou eu? Sou um homem, um de muitos, não dos grandes. E verdadeiramente, para que o ouça vossa caridade, muito me admiro e rejubilo por nos ter isto sido concedido. É que este homem nem em Ancona pôde ser curado. Ou melhor, pôde, mas por causa de nós não o foi, pois poderia ter sido feito com muita facilidade. Sabem muitos, na verdade, quantos milagres se fazem nessa cidade por intermédio do bem-aventuradíssimo mártir Estêvão. E ouvi vós algo que vos causará espanto. A sua *memoria* era ali antiga, e ainda ali está. Mas talvez digas: “o seu corpo ainda não tinha aparecido, como podia estar ali a sua *memoria*?” Sem dúvida está oculto o motivo, mas o que até nós a fama trouxe, não o calarei a vossa caridade. Quando Santo Estêvão estava a ser lapidado, alguns também inocentes, e sobretudo daqueles que já criam em Cristo, estavam nas imediações. Diz-se que uma pedra lhe atingiu o cotovelo, e tendo lá batido caiu ao pé de um certo homem piedoso. Apanhou-a e guardou-a. O homem era um marinheiro, e um acaso da navegação trouxe-o até à costa de Ancona, e foi-lhe revelado que devia ali depositar aquela pedra. Obedeceu à revelação, e fez o que lhe fora ordenado. Por este motivo começou a haver ali uma *memoria* de Santo Estêvão, e o rumor era que ali estava o braço de Santo Estêvão, não sabendo os homens o que tinha acontecido. Mas realmente percebe-se porque ali foi revelado que ali pusesse a pedra que fizera ricochete no cotovelo do mártir, pois em grego “cotovelo” diz-se “ankôn”. Mas aqueles que sabem que milagres ali se fazem, sejam eles mesmos a informar-nos. Não começaram a fazer-se esses milagres a não ser depois que apareceu o corpo de Santo Estêvão. Eis que ali não foi curado este jovem, para ser guardado para os nossos olhos!

Sobre os milagres feitos em Uzali.

2.3. Procurai saber quantos milagres se fazem em Uzali, onde é bispo o meu irmão Evódio, e sabê-lo-eis. Mas sem falar de outros, conto-vos um que ali foi feito, para verdes quanta é ali a presença da Majestade.



Gravura de Augusto Guglielmi a partir de Juan de Juanes,
A Lapidação de Santo Estêvão (c. 1826-1832)

3.3. Uma certa mulher perdeu no seu colo um filho catecúmeno que subitamente adoecera, a quem não pôde socorrer acorrendo. Gritando disse: “Morreu o meu filho catecúmeno!”

Clamor do povo originado pela súbita cura da jovem.

E como estas coisas dissesse Agostinho, o povo começou a gritar da *memoria* de Santo Estêvão: “Graças a Deus, louvor a Cristo!” Por entre este clamor contínuo, foi trazida até à ábside a jovem que foi curada. Ao vê-la, o povo com alegria e choro, sem quaisquer palavras, mas só com gritos, prolongou durante algum tempo o clamor. E tendo-se feito silêncio, disse o bispo Agostinho:

Está escrito no Salmo: “Disse: proclamarei contra mim ao Senhor meu Deus o meu delito, e Tu perdoaste a impiedade do meu coração.”⁷⁶ “Disse: proclamarei”. Ainda não proclamei. “Disse: proclamarei, e Tu perdoaste.” Encomendei esta infeliz, ou melhor esta ex-infeliz, encomendei-a às vossas orações. Dispusemo-nos a orar, e fomos ouvidos. Que a nossa alegria seja uma acção de graças. Mais depressa foi ouvida a Mãe Igreja do que aquela maldita mãe para a sua maldição!

SERMÃO 324

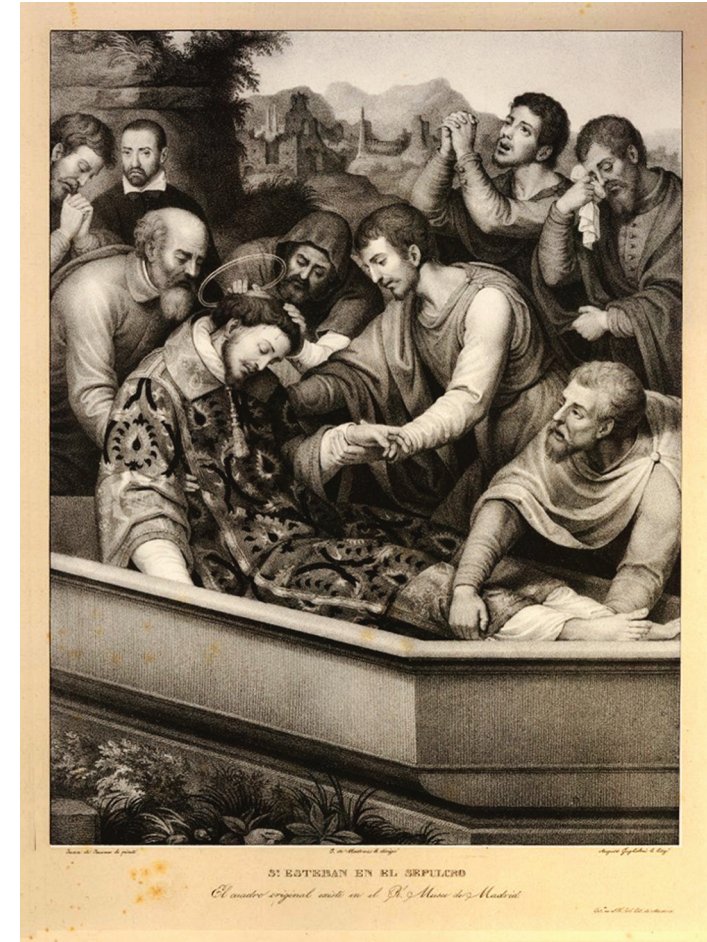
No qual Agostinho termina a parte do sermão interrompida pelo milagre anterior.

Milagre feito em Uzali. Vida devolvida a um pequenino morto antes do baptismo, para que recebesse os sacramentos.

1. Devemos concluir o sermão de ontem, o qual foi interrompido por um imenso gáudio. Estabelecera na verdade e começara a dizer a vossa caridade porque me parecia que estes irmãos tinham sido conduzidos a esta cidade pela divina autoridade, para que aqui neles se cumprisse a cura há muito desejada e esperada. E querendo isto dizer, começara primeiro a encomendar a vossa caridade os lugares santos em que não foram curados, e de onde nos foram conduzidos. E falei de Ancona, cidade de Itália. Começara a falar de Uzali, que fica na África⁷⁷ (tem como bispo o meu irmão Evódio, que conheceis), a fama deste mártir e as suas obras os levava a irem também até àquela cidade. Não lhes foi lá dado o que se poderia ter dado para que se desse aqui onde devia ser dado. Como na verdade quisesse em poucas palavras recordar as obras divinas que tiveram por intermediário o santo mártir, sem falar de outras, decidira falar de uma. Quando estava a dizer isto, foi restituída a saúde àquela jovem, de repente levantou-se um tumulto de alegria, e forçou-nos a terminar o sermão de outra forma. Portanto, sabemos que foi ali feito tal milagre entre muitos outros que de maneira alguma se podem recordar todos. Uma mulher perdeu no colo um filho catecúmeno doente, uma criança de leite. Como o tivesse visto morto e irreparavelmente perdido, começou a chorá-lo mais como fiel do que como mãe. Não desejava na verdade a vida do seu filho senão no mundo que há-de vir, e chorava-a como tendo-lhe sido roubada e estando já perdida. Cheia de um sentimento de confiança, tomou o morto e acorreu à *memoria* do bem-aventurado mártir Estêvão, e começou a exigir-lhe o filho e a dizer: “Santo mártir, bem vês que não me restou qualquer consolo. Não posso na verdade dizer que me precedeu o filho que sabes que perdi. Tu bem vês na verdade porque choro. Devolve-me o meu

77 Santo Agostinho refere-se à província romana.

filho, para o ter comigo diante do teu Coroador.” Como estas coisas e semelhantes tivesse implorado com lágrimas que de certa forma não suplicavam mas, como disse, exigiam, reviveu o seu filho. E porque dissera “Sabes porque o quero”, quis-lhe também Deus mostrar que o seu espírito era verdadeiro. Logo o levou aos presbíteros, foi baptizado, foi santificado, foi ungido, foi-lhe imposta a mão: cumpridos todos os sacramentos, morreu. Mas levou-o com uma cara tal como se não o levasse para o repouso do sepulcro, mas para o seio do mártir Estêvão. Foi posto à prova o coração fiel da mulher. Então onde fez Deus tal milagre por intermédio do seu mártir não pôde também curar estes? E no entanto aqui foram trazidos, até nós.



Gravura de Augusto Guglielmi a partir de Juan de Juanes,
O Enterro de Santo Estêvão (c. 1826-1832)

III

SÃO GREGÓRIO DE TOURS

GLÓRIA DOS MÁRTIRES, 33

Estêvão foi o primeiro diácono e também o primeiro mártir da Santa Igreja, em Jerusalém, tal como narra a História sagrada dos Apóstolos⁷⁸, pelo santo nome de Cristo, a quem via em contemplação espiritual à direita da Virtude. Foi esmagado pelas pedras, suplicando pelos perseguidores à própria Majestade.

Havia, pois, na cidade de Tours um oratório, dedicado em seu nome pelos antigos, o qual nós mandámos que fosse um pouco ampliado. Como tivesse isto sido feito, também fizemos avançar o altar, mantendo-o exactamente como era antes. Contudo, ao procurarmos na cavidade que nele havia, nada achámos das santas relíquias que se dizia ali haver. Mandei então um dos abades trazer-nos as relíquias do oratório da casa episcopal, mas esqueci-me de lhe dar a chave do relicário, que trazia pendurada no cinto. Ora ao chegar lá o abade, tendo removido o selo do armário, achou o relicário trancado. Não sabia ele o que havia de fazer, para onde se virar: se viesse de novo ter comigo, perdia muito tempo a vir e a voltar. Se trouxesse o relicário, sabia que isso me aborreceria, pois ali estavam as relíquias de muitos santos. Se não o fizesse, não cumpria a ordem que recebera. Mais palavras para quê? Enquanto segurava, indeciso, o relicário na mão, saltando com ruído as trancas, viu que o relicário estava aberto! Então, dando graças, tendo não sem grande admiração tomado as relíquias, trouxe-as até nós, que, tendo rezado a missa, as colocámos no altar, ordenando-o Deus. Regressando muitos dias mais tarde à cidade, encontrei o relicário, reposto o cadeado, como o deixara, fechado.



Está, na verdade, contida parte do sacrossanto sangue deste bem-aventurado levita no altar da igreja de Bourges, como é do conhecimento geral. Ora no tempo do bispo Félix⁷⁹, um certo homem acusava de um crime os seus vizinhos. Como muito se assanhasse

78 Actos dos Apóstolos 6:7 e seguintes.

79 O bispo Félix, de quem se sabe pouco, morreu por volta de 580.

contra eles com palavras insolentes e os chamasse a julgamento público, foi decretado por sentença dos dirigentes da cidade que os que eram acusados desta ofensa se purgassem por meio de um juramento. E tendo-se dirigido ao altar da referida igreja, como proferissem de mãos levantadas os juramentos, o acusador da causa declarou em voz alta que eles tinham cometido perjúrio. E logo com os pés elevados do chão é lançado aos ares e, tendo batido com a cabeça no chão, a multidão à sua volta vê-o quase morto. Após quase duas horas, como achassem que estava prestes a expirar o último suspiro, abriu os olhos e confessou o crime, declarando que tinha perseguido injustamente os homens e os tinha declarado culpados. E assim, livrados os inocentes e revelado o culpado, foi bem patente o milagre do bem-aventurado.



Na cidade de Bordéus, uma certa anciã, acabrunhada pela idade mas elevada pela fé de uma alma íntegra, tinha o hábito de levar azeite e acender as lamparinas nas basílicas dos santos. Para levar isto a cabo, entrou uma noite de domingo na basílica do bem-aventurado apóstolo Pedro. Ora o seu altar está posto sobre uns estrados elevados, cuja parte inferior, à maneira de uma cripta, é fechada por uma porta, tendo também aquela o seu altar com relíquias de santos. Desceu até à cripta a venerável e devota mulher, como dissemos, para acender a luz, tendo por companhia apenas uma menina. Enquanto isto cumpria, e tendo a noite, ao chegar, coberto o mundo de trevas, chegaram os clérigos. Tendo recitado as capitulas dos salmos e trancado a porta da cripta, foram-se embora, ignorando que lá dentro estava a mulher. Ora ela, tendo acendido a luz, dirige-se à porta para sair. Como tivesse percebido que estava fechada, grita, chama pelo nome daquele que devia abrir. Mas a sua voz, por causa da idade avançada, não foi suficientemente forte para chegar ao exterior. Quando percebeu que não conseguia ser ouvida por ninguém, deixou-se cair prostrada no chão, dizendo:

– Rezarei pelos meus pecados e pelos do povo ao Senhor, criador de todas as coisas, até que chegue quem deve destrancar a entrada desta igreja.

Estando ela em oração em vigília, viu, mais ou menos a meio da noite, a porta a abrir-se e toda a basílica a refulgir com uma luz imensa. E eis que um coro de salmodiantes entra na basílica! Depois, tendo sido dita o Glória à Trindade, calou-se o canto dos salmodiantes, ouviu homens lamentando-se entre eles e dizendo:

– Faz-nos estar à espera, o santo levita Estêvão. É que já devíamos estar a ir a outras basílicas, e não podemos fazê-lo a não ser que venha aquele de quem estamos à espera! Dizendo eles isto muitas vezes, chegou de repente um homem vestido de branco, cuja presença toda aquele multidão saudou, venerando-a com humildade:

– Dá-nos a tua benção, sagrado e santo levita Estêvão!

Ora ele saudou-os também e fez uma oração. Tendo-lhe sido perguntado porque se tinha atrasado um pouco na visita dos lugares santos, respondeu:

– É que estava um barco no mar em perigo de naufrágio. Tendo sido invocado, ali fui. E tendo-o livrado de perigo, eis que aqui estou! E para que comproveis ser verdade o que digo, a roupa que tenho vestida, vê-se que está molhada pelas ondas, pingando ainda água do mar.

Tudo isto observava atentamente a mulher com grande tremor, colada ao chão. Quando eles se foram embora, tendo-se de novo fechado as portas por acção divina, dirigiu-se ela ao lugar em que o santo tinha estado, recolheu diligentemente num lenço as gotas que tinham caído no chão, e levou-as a Bertrand⁸⁰, que então governava, na qualidade de bispo, a cidade. Tomando-o ele com júbilo e grande admiração, guardou-o consigo. Deste lenço, na verdade, muitos doentes recuperaram a saúde, e o próprio bispo, cortando dele pedaços, depositava fielmente essas relíquias nas igrejas que consagrava. Ora nós tivemos disto conhecimento pelo relato desse mesmo bispo.

IV

HINO VISIGÓTICO

Para o dia de Santo Estêvão

(AH 27, 171)

(SÉCULO VII)



Gravura de Valentine Green a partir de Benjamin West,
Recolha do corpo de Santo Estêvão (1776)

Nas Vésperas

*Cristo é a vida que vem ao mundo:
ao suportar o ocaso de cruel morte,
aos mortos, com acto de piedade,
concede viver.*

5 *Eliminou a ferida removendo a morte;
ressuscita, o autor da morte destruindo:
reina, regressando, à direita do Pai,
no trono dos céus.*

10 *É Estêvão o primeiro a segui-Lo, diácono,
decorado com o título da sorte conferida,
a que lhe deu, inspirando-o, o espírito
benigno do Senhor.*

15 *Preso, a exemplo do Senhor, avança
inocente, carregado de falsos testemunhos,
santo, suportando de celerados juízes
os ditos criminosos.*

20 *Com palavra celeste responde e, firme,
comprova com razão que os malignos, os falsos,
sempre indignos, no Senhor dos Céus
não querem crer.*

*De pé é lapidado por sarivada de pedras,
e o magno Paulo guarda a roupa dos que
o apedrejam, para facilitar aos assassinos
os golpes da morte.*

25 *Da morte suporta a raiva sacrílega,
mas de toda a piedade cheio no coração,
pelos inimigos pede perdão, apiedado
no seu coração grato.*

30 *Inspira, o primeiro, os homens santos
de coração justo, de entranhas fiéis,⁸¹
a pela fé de Cristo dar às armas
o corpo massacrado.*

35 *Imploramos chorando, bendito primeiro
mártir, cidadão associado aos justos,
herdeiro da luminosa região celestial,
ínclito e poderoso:*

40 *resoluto, perdoa agora os nossos pecados,
tolhe a doença, dá-nos a saúde,
destrói o inimigo, releva a tristeza,
vencida a morte!*

*Que o coro salmodie a glória e a faça ecoar,
que entoe a glória, cante e torne a cantar,
que ao Nome Trino, ao Deus único
clamem as estrelas!*

APÊNDICE

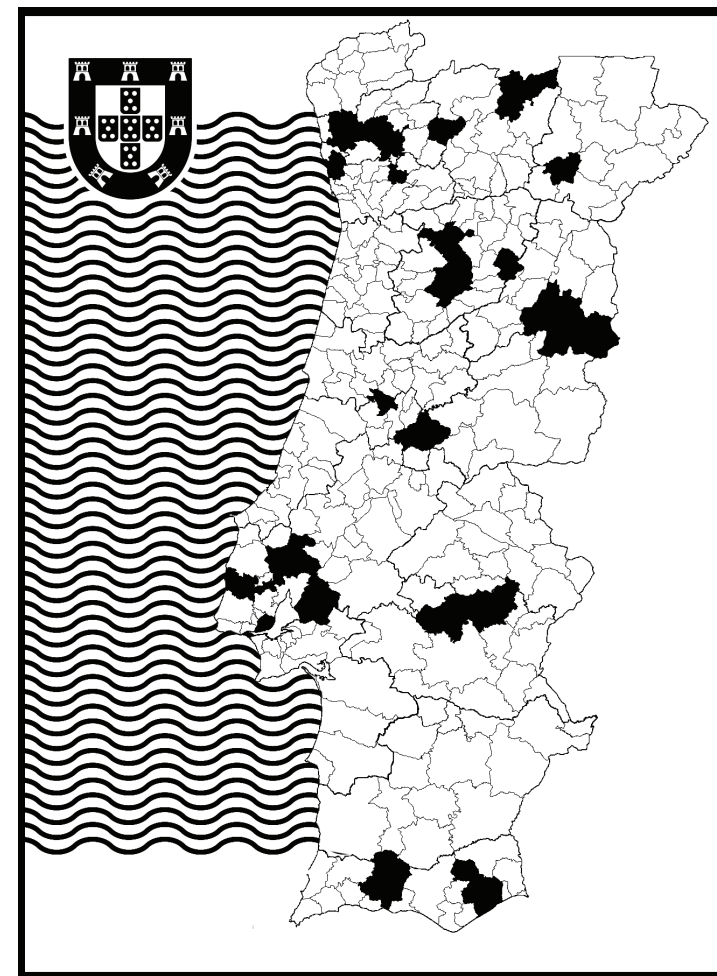
PARÓQUIAS, POVOAÇÕES E FREGUESIAS

Santo Estêvão é actualmente o orago de 43 paróquias portuguesas⁸². O seu nome é além disso ostentado por cerca de três dezenas de povoações, com uma distribuição geográfica relativamente uniforme, embora com predominância a Norte e Centro (*vide* mapa anexo). Algumas destas localidades são também sedes de freguesia, às quais é necessário acrescentar ainda as antigas freguesias urbanas de Alenquer e Lisboa, extintas pela reforma administrativa de 2013.

Localidade/Freguesia	Concelho	Distrito
Casal de Santo Estêvão	Arruda dos Vinhos	Lisboa
	Penela	Coimbra
Monte de Santo Estêvão	Arraiolos	Évora
Quinta de Santo Estêvão	Guarda	Guarda
	Vila Flor	Bragança
	Aguiar da Beira	Guarda
	Viseu	Viseu
Santo Estêvão	Azambuja	Lisboa
	Viseu	Viseu
	Castro Daire	Viseu
	Vila do Conde	Porto
	Lousada	Porto
	Guimarães	Braga
	Penela	Coimbra
	Cabeceiras de Basto	Braga

⁸² A lista destas paróquias pode ser consultada em http://www.anuariocaticoportugal.net/ficha_orago.asp?oragoid=123. Algumas destas paróquias poderão, contudo, ter por orago o papa Santo Estêvão (s. III).

Localidade/Freguesia	Concelho	Distrito
Santo Estêvão	Silves	Faro
	Barcelos	Braga
	Sertá	Castelo Branco
	Braga	Braga
	Benavente	Santarém
	Chaves	Vila Real
	Estremoz	Évora
	Sabugal	Guarda
	Tavira	Faro
	Alenquer	Lisboa
	Lisboa	Lisboa
Santo Estêvão das Galés	Mafra	Lisboa
Santo Estêvão de Barrosas	Lousada	Porto
Santo Estêvão de Bastuço	Barcelos	Braga
Santo Estêvão de Briteiros	Guimarães	Braga
Santo Estêvão do Penso	Braga	Braga



NOTA BIBLIOGRÁFICA

Os elementos citados na Introdução encontram maior desenvolvimento nas seguintes obras:

- C. García Rodríguez, *El culto de los santos en la España Romana y Visigoda*, Madrid, 1966, pp. 163-166.
- G. D. Gordini, “Stefano, protomartire, santo”, in *Bibliotheca Sanctorum*, vol. 11, Roma, 1968, pp. 1376-1387.
- B. Maggioni, “Estebán”, in C. Leonardi, A. Riccardi, G. Zarri (org.), *Diccionario de los Santos*, vol. 1, Madrid, 2000, pp. 713-716.

Cartulários e livros litúrgicos hispânicos:

- L. Brou – J. Vives, *Antifonario visigótico mozárabe de la Catedral de León*. Monumenta Hispaniae Sacra, serie litúrgica 5, Madrid-Barcelona-León, 1953.
- A. J. Costa, *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, Braga, 1965.
- M. Férotin, *Le Liber Mozarabicus Sacramentorum et les manuscrits mozarabes*, Paris, 1912.
- E. Hübner, *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, Berlim, 1871.
- A. Olivar, *El Sacramentario de Vich. Estudio y edición*, Monumenta Hispaniae Sacra, serie litúrgica 4, Barcelona, 1953.
- M. A. Rodrigues (coord.), *Livro Preto. Cartulário da Sé de Coimbra*, Coimbra, 1999.
- J. Vives, *Inscriptiones cristianas de la España romana y visigoda*, Barcelona, 1942.
- J. Vives, *Oracional Visigótico*, Barcelona, 1946.

A referência à igreja de Santo Estêvão em Lisboa está num documento do *Inventário de compras do real mosteiro de S. Vicente de Fora (cartulário do séc. XIII)*, publicado por M. T. Barbosa Acabado, Coimbra, 1969 (Separata do Arquivo de Bibliografia Portuguesa, ano XIV, 53-56), doc. 3.

Textos traduzidos no presente volume:

- **Avito de Braga:** S. Vanderlinden, “Revelatio Sancti Stephani (BHG 7850-6)”, in *Revue des études byzantines*, t. 4, 1946. pp. 178-217.
- **Santo Agostinho:** M. Recchia, *Opere di Sant'Agostino. Discorsi*, Nuova Biblioteca Agostiniana, vol. XXXIII, Roma, 1986.
- **São Gregório de Tours:** B. Krusch, *Monumenta Germaniae Historica. Scriptorum Rerum Merovingicarum Tom. I, Pars II*, Hannover, 1885 (1969).
- **Hino Visigótico:** J. Castro Sánchez, *Hymnodia Hispanica* (Corpus Christianorum, Series Latina, 167), Turnhout, 2010. Muito útil é a tradução comentada pelo mesmo autor em *Hymnodia Hispanica*, Turnhout, 2014 (Corpus Christianorum in Translation 19).

SAINT STEPHEN



Lambert Suavius, *The stoning of St. Stephen*, 1550-1567.

I.

The martyrdom in the
hagiographic tradition

II.

The cult

I. The martyrdom in the hagiographic tradition

Saint Stephen has the honour of being the Church's first martyr. His passion is narrated in chapters 6 and 7 of the *Acts of the Apostles*, making it a unique case in martyrology literature, where so often the martyr's name is uncertain. He was most likely a Hellenized Jew, as his name indicates (*Stéphanos* means "crown" in Greek) and was chosen by the Apostles to head a new institution, the diaconate, designed to help preach the Gospel and participate in charity work. He had already taken this role when he started being noticed in Jerusalem, by performing several miracles and prodigies (Act. 6:8). False witnesses accused him of blaspheming Moses and disrespecting the Temple. He was brought before the Sanhedrin and delivered a long speech revealing his profound knowledge on the history of the people of Israel, but also his Jewish heterodox interpretation of the Scriptures and Christ's mission. The speech ended with an invective against the Hebrews, accused of pursuing and killing the prophets who had announced Christ's coming (Act. 7:1-53). Then, the deacon raised his eyes to the sky and saw the glory of God and Jesus, to his right. Outraged by his sharp discourse and the vision's narrative, the accusers dragged the young man out of town and, overcome by fury, proceeded to stone him. After asking Christ to take his soul, Stephen kneeled down and spoke the famous words that made him the perfect example of love for one's enemies and Christ's worthy emulator: "Lord, do not hold this sin against them" (Act. 7:60). The saint's broken body was then taken and buried in a place undisclosed by the Scriptures (Act. 8:2). Saint Stephen's martyrdom also marks the beginning of the Church of Jerusalem's persecution, headed by Saul, in front of whom the executioners laid their capes, before stoning Christ's martyr (Act. 7:58), and, in that respect, it can be seen as a turning point in the History of Christianity, for it led on to Saul, the persecutor, becoming Paul, the Apostle (Act. 9).

II. The Cult

1. THE FEAST DAY

Saint Stephen's day is celebrated on December 26, in the West, and on the following day, in the East. The choice of a date immediately after Christmas, despite the lack of chronological accuracy in the *Book of Acts*, can be explained with the early association between the Incarnation and the beginning of the first martyr's eternal life, as Saint Augustine so skilfully emphasises in his sermon 314:

Yesterday we celebrated the Lord's birth; today we celebrate the servant's birth. We commemorate the day the Lord chose to be born and the day the servant was crowned. We celebrate the day the Lord took our mortal coil and the day the servant disposed himself of it. We commemorate the day the Lord became similar to us and the day the servant became closer to Christ.

The cult was already relevant in the East before the invention of the relics. In fact, the *Syriac Martirology*, from the mid-4th century, already signals December 26 as the Protomartyr's feast. On the other hand, the *Synaxarion of Constantinople*, possibly also from the 4th century, places the feast on the 27. This date is still used today by the Greek Orthodox Church. In the West, however, Saint Stephen's cult seems to have become relevant only after 415. There is no reference to the Protomartyr in the mid-4th century's *Depositio Martyrum*, although, in this case, it is mainly a list of Roman martyrs. It is only after the 5th century that St. Stephen's feast is marked on December 26 on the main western calendars and martyrologies, such as the *Calendar of Carthage* (6th century) or the *Martirology of Jerome*, elaborated in Italy in the second half of the 5th century, which was transmitted based on a Gaul analysis of the end of the 6th century. This same date is recorded

in two ancient Hispanic calendars from the area of Seville: Carmona, engraved in two columns of this Andalusian basilica, and Itálica, both dating from the 6th-8th centuries. At the same time, the feast of the Invention of the Relics was celebrated on August 3, until the 1961 liturgical reform. But this date does not coincide with the report of the invention, which mentions the month of December. The confusion may be due to Pope Stephen I's feast, martyred on August 2 of 257.

2. RELICS

2.1. AFRICA

The lack of reference to the location of Saint Stephen's grave in the book of *Acts* may explain, in part, why it was only found four centuries after his martyrdom. In effect, it was near the end of 415 that the location of Saint Stephen's remains was revealed in a dream to Luciano, priest of Cafar Gamala (present day Beit Jimal, about 35km from Jerusalem). He took unto himself to write down all the events, which were translated from Greek to Latin by Avitus of Braga, which at the time was in the Holy Land attending the Council of Jerusalem. Part of the relics were distributed by Luciano and the Bishop of Jerusalem, and the biggest part was placed in the Church of Zion, in Jerusalem, on December 26 of 415, until a consecrated basilica was built in 439. Avitus was given part of the martyr's relics, which he carefully handed to Orosius, in order to take them to Braga. But Hispania was in turmoil due to the Vandal invasions and Orosius was unable to fulfil his mission. The relics eventually ended up in Uzali, present day Tunisia, and in Maó (Mahón, in Spanish), in Minorca. When Orosius arrived on this island, in early 417, he became aware of the violence sweeping through Hispania. In effect, after a few relatively peaceful years, the Alans and the Vandals attacked southern Hispania again and that meant any attempt to reach Braga was too dangerous. Orosius left part of relics in a local church and went back to Africa. He

left another part of the sacred remains in Uzali and, from there, they were scattered through the North of Africa. We know of the important cult of St. Stephen in Uzali and the miracles attributed to his relics through Bishop Evodius' Latin writings (BHL 7860-7862). St. Augustine, on the other hand, tells of a series of miracles throughout Hippo, present day Algeria, after contact with the relics or the martyr's *memoriae* (The City of God 22.8).

2.2. HISPANIA

Orosius was unable to accomplish his mission, but the presence of the saint's relics in Hispania is attested two centuries later in the epigraphy of the present day Andalusian province of Cadiz: two grave markers, one from 630 (Medina-Sidonia), another one most likely from 674 (Vejer de la Frontera), signal the presence of the Protomartyr's relics. There are several relics, probably from the 9th-10th centuries, deposited in a Saint Stephen's altar, from La Morera (Badajoz). There are also doubts about the date of the dedication of the church of Saints Peter and Paul in Loja (Cordoba), where the relics of several martyrs are held, among them Saint Stephen's. More to the north, in the monastery of San Miguel de la Escalada, in León, a headstone from the 9th-10th centuries signals the relics of the Protomartyr.

3. CHURCHES, BASILICAS AND MONASTERIES

Probably, one of the most ancient churches dedicated to Saint Stephen is that of Nativola, an undetermined town belonging to the dioceses of Guadix (Granada), consecrated during the Visigothic reign of Witteric (603-610). Besides this building, of which nothing remains, the Spanish territory boasts a significant number of temples consecrated to Saint Stephen, the oldest ones being the Romanesque churches of Aramil and Ciaño (both in Asturias), Bañuelos de Rudrón (Burgos), Segovia and Corullón (León).

In Portugal, there are several churches dedicated to Saint Stephen. The church and old monastery of Santo Estêvão de Vilela (Paredes, Oporto district) is especially old and its foundations were most likely built in the year 1000. The most ancient references to this church date back to 1030. The present church is from the 18th century and there are only a few fragments remaining from the original Romanesque church.

The foundations of the original building of the Church of Santo Estêvão de Alfama (Lisbon) are also very old and the church has been mentioned since the year 1173, a few decades after D. Afonso Henriques conquered Lisbon in 1143. The church we see today is the result of several reconstructions, especially the 1733 and 1773 ones. According to priest António Carvalho da Costa, who wrote *Corografia portuguesa* right before the extensive reconstructions of the 18th century, there was “a Saint Stephen relic inside a gold plated silver chalice, which is displayed on the Saint’s day and on the day of its invention”. The Church of Santo Estêvão do Santíssimo Milagre, in Santarém, was built shortly after, but it underwent a reconstruction in the 1500s that erased all traces of the original 13th century temple. Besides these temples, medieval documentation contains references to other churches in present day Portuguese territory, some of which precede the nation’s birth. A few examples of the most ancient are the Church of Santo Estêvão de Mucela (Vila Nova de Poiares, Coimbra), mentioned in the cartulary of Lorvão, in a 946 document. The basilica of the Santo Antonino de Moure monastery (Vila Verde, Braga), dedicated to several saints, including Saint Stephen, is referenced in several *Liber Fidei* documents, dated between 1045-1083. There is also a reference to a church of Saint Stephen in São Miguel de Frossos (Braga), in a document dated December 6 of 1076. In another document, from May 12 of 1074, a church of Saint Stephen in Rio Mau (Chaves, Vila Real) is referenced. The

church and monastery of Santo Estêvão de Faiões (Chaves, Vila Real), also called Santo Estêvão de Chaves, appears in several documents between 1072 and 1160. The present church is a 16th century reconstruction of an old building, probably dating back to the 10th century. In its vicinity, there is the Saint Stephen Tower, also known as Saint Stephen’s Castle, a 14th century fortified structure. Finally, there is a mention to the church of Saint Stephen in Arouca (Aveiro) in an 1158 document.

4. LEGENDS AND TRADITIONS

In the village and former parish centre of Santo Estêvão das Galés (Mafra, Lisboa) there is a curious legend. The people intended to build a church in honour of the saint between Cruzinhas and Monfirre. But the martyr did not wish this and so, every day, his statue would disappear from the church and reappear at the top of the hill. Impatient and outraged, the people took drastic measures and stoned the saint’s image, leading it towards the valley where the church was located, in a way re-enacting the saint’s martyrdom. But this did not prevent the statue from reappearing every day on the top of the hill. The congregation eventually accepted the martyr’s will and built a church on that spot, where it still is today. It was then that Saint Stephen performed a miracle; transforming the stones the people had thrown at him into bread. According to tradition, this miracle led to the *Festa dos Merendeiros* (Bread Festivity) during which unleavened bread is given to the people after mass.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
I. O martírio na tradição hagiográfica	10
II. O culto	13
TEXTOS SOBRE SANTO ESTEVÃO	21
I. Avito de Braga, <i>Revelação de Santo Estêvão</i>	22
II. S. Agostinho, <i>Sermões</i>	25
III. Gregório de Tours, <i>Glória dos mártires</i>	27
IV. O hino visigótico	29
SANTO ESTÊVÃO	31
I. Avito de Braga, <i>Revelação de Santo Estêvão</i>	32
II. S. Agostinho, <i>Sermões</i>	43
III. Gregório de Tours, <i>Glória dos mártires</i>	71
IV. O hino visigótico	54
APÊNDICE: FREGUESIAS	79
NOTA BIBLIOGRÁFICA	83
SAINT STEPHEN	87

TÍTULO
Santos e Milagres
na Idade Média em Portugal
SANTO ESTEVÃO

AUTOR
ANDRÉ SIMÕES

CAPA
André Oliveira

GRAFISMO
André Oliveira

EDITOR
TRADUVÁRIUS

IMPRESSÃO
Gráfica Vilaverdense - Artes Gráficas, Lda.

DEPÓSITO LEGAL

ISBN

LISBOA - 2015

(Assinatura / *signature*)



SANTOS E MILAGRES
NA IDADE MÉDIA EM PORTUGAL

Lista preliminar

- 1 S. VICENTE
- 2 STA. EULÁLIA
- 3 STA. ENGRÁCIA E S. FÉLIX
- 4 S. SEBASTIÃO
- 5 STA. JUSTA E S. CUCUFATE
- 6 S. JULIÃO
- 7 S. LOURENÇO
- 8 STO. ESTÉVÃO
- 9 STO. ADRIÃO E S. MANÇOS
- 10 S. MAMEDE E S. JORGE
- 11 S. VERÍSSIMO E S. CRISTÓVÃO
- 12 S. NICOLAU E SANTIAGO